

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SOB O OLHAR DE ALUNOS DE
PÓS-GRADUAÇÃO**

KÁTIA CARDOSO CAMPOS SIMONETTO

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SOB O OLHAR DE ALUNOS DE
PÓS-GRADUAÇÃO**

KÁTIA CARDOSO CAMPOS SIMONETTO

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. - Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz
Co-orientadora: Profa. Dra. Camélia S. Murgo

374.4 Simonetto, Kátia Cardoso Campos.
S611a Afetividade na educação a distância sob o
olhar de alunos de pós-graduação /Kátia Cardoso
Campos Simonetto. – Presidente Prudente, 2013.
84 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) -
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste,
Presidente Prudente, SP, 2013.

Bibliografia.

Orientador: Adriano Rodrigues Ruiz

1: Ensino a distância. 2. Afetividade. 3. Ensino
superior. 4. Professores - formação I. Título.

KÁTIA CARDOSO CAMPOS SIMONETTO

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SOB O OLHAR DE ALUNOS DE
PÓS-GRADUAÇÃO**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Relatório apresentado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. - Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente.

Presidente Prudente, 2 de dezembro de 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orientador Adriano Rodrigues Ruiz
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profa. Dra. Co-orientadora. Camélia Santana Murgó
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profa. Dra. Ana Maria Falcão de Aragão
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Campinas - SP

Profa. Dra. Raquel Rosan Christino Gitahy
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a Deus “Maravilhoso” pelo amparo, força e proteção em todos os meus caminhos. Para ti entrego meus projetos e sonhos, porque sei que não são meus, pois antes de sonhá-los, tu já havias sonhado por mim. Dedico também ao meu pai Aldisio Campos (*in memoriam*) que sempre me apoiou e incentivou fazendo de “tudo” para que eu pudesse ter uma boa formação.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças a Deus pelo dom da vida.

Agradeço as minhas filhas Kelly Kathryn, Marcelly Mayara e Mirelly Karynne por ser a minha fonte de inspiração diária.

A minha mãe Arlete Cardoso Campos que me apoiou e tem orgulho de mim.

Ao meu marido Zenecir Simonetto que me incentivou, compreendeu minha ansiedade e meus momentos de isolamento.

Agradeço ao Pastor Ivo Cassol e toda Comunidade Cristã de Adoração.

Aos meus amigos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR, em especial Dayse Grassi, Joice Juliano, Silvana Valentin e Mateus Pires pela ajuda e compreensão nos momentos de tensão.

Ao diretor e professor da UTFPR Doutor Flávio Felix Pauli que incentivou meus estudos.

À Universidade do Oeste Paulista, pela oportunidade.

Ao meu orientador Professor Doutor Adriano Rodrigues Ruiz e a co-orientadora Professora Doutora Camélia S. M. Mansão, pelas contribuições, disponibilidade, interesse e orientações precisas desenvolvidas neste trabalho. Sem eles este trabalho não poderia ser realizado.

Aos professores que fizeram parte deste Curso de Mestrado em Educação e que muito contribuíram para minha formação.

À equipe de funcionários do Curso de Mestrado em Educação em especial a Idalina de Oliveira Lima pela disponibilidade em ajudar e sua dedicação.

Agradecimento especial, pela valiosa contribuição aos alunos do curso de pós-graduação Educação: Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Tecnológica Federal do Paraná que gentilmente aceitaram participar da pesquisa.

Ao coordenador da Universidade Aberta do Brasil na UTFPR/MD, professor César Cardoso que acreditou no meu potencial.

Ao Coordenador e tutoras do Polo de Foz do Iguaçu que colaboraram com minha pesquisa facilitando minha permanência no Parque Tecnológico da Itaipu (PTI).

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta pesquisa.

“Todo comportamento humano envolve inteligência e afetividade”.

Henri Wallon

RESUMO

Afetividade na educação a distância sob o olhar de alunos da pós-graduação

Esta pesquisa pertence ao programa de pós-graduação de mestrado em educação da UNOESTE onde a linha de pesquisa é a formação e prática pedagógica do profissional docente. O número de instituições de ensino superior que oferecem cursos de pós-graduação a distância tem crescido de forma expressiva na atualidade. Diversas questões podem ser estudadas em relação a essa modalidade de ensino, a saber, relação professor aluno, relação aluno e aluno, tecnologias de informação, processos de ensino e aprendizagem. No que se refere à relação professor aluno o elemento afetividade tem sido tema constantemente abordado. Na educação a distância, este elemento pode ser essencial, pois a interação entre professor e aluno não se dá de forma presencial. Novas investigações sobre a afetividade, até então pouco estudada na modalidade de ensino a distância, podem ser de importância significativa. Dessa forma a presente pesquisa teve como objetivo investigar a percepção de alunos acerca da afetividade nas relações entre docentes e discentes. Foram participantes dez alunos de um curso de especialização em educação na modalidade a distância. Para coleta de dados foi utilizada a técnica da entrevista sendo adotada uma abordagem metodológica qualitativa. Os resultados indicam que a afetividade na educação a distância interfere no processo do aprendizado. Mediante os elementos apontados pelos participantes, as palavras amor, carinho, compreensão, respeito, amizade, afeto, solidariedade, atenção e companheirismo podem constituir o núcleo central dessas percepções.

Palavras-chave: Afetividade. Educação a distância. Relação professor e aluno.

ABSTRACT

Affectivity in distance education under the look of students graduate

The number of higher education institutions that offer post-graduate distance has grown significantly today. Several issues can be studied in relation to this type of education, namely, the teacher pupil ratio student and student, information technology, teaching and learning processes . With regard to the teacher student element affection has been constantly subject addressed. A distance education, this element may be essential because the interaction between teacher and student is not given in person. New research on affectivity hitherto little studied, in the form of distance learning, can be of significant importance. Thus the present study aimed to investigate the perceptions of students about the affectivity in the relationship between teachers and students. Participants were ten students a specialization course in distance education. For data collection we used the interview technique being adopted qualitative research methodology. The results indicate that the emotion in distance education interfere in the learning process. By the elements indicated by the participants, the words love, caring, understanding, respect, friendship, affection, solidarity, care and companionship can be the core of these perceptions.

Keywords: Affectivity. Distance education. Relacion teacher students.

LISTA DE SIGLAS

AFUAB	- Fundação de Apoio à Universidade Aberta do Brasil
AVA	- Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAD	- Centro de Educação Aberta e Continuada a Distância
EAD	- Educação a Distância
IPES	- Instituições Públicas de Ensino Superior
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEB	- Movimento de Educação de Base
MEC	- Ministério da Educação
PTI	- Parque Tecnológico da Itaipu
SENAC	- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEED	- Secretaria de Educação a Distância
SESC	- Serviço Social do Comércio
SIELO	-Scientific Electronic Library Online
TIC	-Tecnologia de Informação e Comunicação
UAB	- Universidade Aberta do Brasil
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTFPR	- Universidade Tecnológica Federal do Paraná

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Organograma do relacionamento entre Polos e Instituições no Sistema UAB.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	177
2.1 Histórico da Educação a Distância no Brasil	177
2.2 O Sistema Universidade Aberta no Brasil	222
2.3 Afetividade na Educação.....	25
2.4 A Comunicação na Educação a Distância.....	37
2.5 Competências docentes para Educação a Distância	41
3 METODOLOGIA.....	477
3.1 Participantes.....	477
3.2 A educação a Distância na Universidade Pesquisada.....	488
3.3 Instrumentos.....	49
3.4 Coleta de Dados.....	500
3.5 Procedimento de Análise dos Dados	51
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	53
4.1 Concepção de Afetividade.....	53
4.2 Características de um Professor Afetivo.....	55
4.3 Contribuição de um Professor Afetivo para a EAD.....	57
4.4 Relação Afetiva entre Professor e Aluno na EAD	60
4.5 Mudança na Visão do Professor por Parte dos Alunos.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	688
REFERÊNCIAS.....	755
APÊNDICES.....	81
Apêndice A – Roteiro da Entrevista.....	81
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	813

Apêndice C – Carta – Convite.....	844
-----------------------------------	-----

1 INTRODUÇÃO

Início esta dissertação relatando fatos e experiências pessoais e acadêmicas que me conduziram para o problema da pesquisa.

Para que se possa entender o caminho que me conduziu ao problema da pesquisa, começo relatando minha opção por fazer graduação na área de Educação. A escolha do vestibular para o curso de Pedagogia deu-se, porque havia feito o Magistério e já lecionava. Sendo assim me considerava uma educadora. Concluí o curso em 1985 com sucesso e sem nenhuma reprovação.

Foi em 1994, quando morei em Boa Vista/RR e trabalhei como supervisora educacional que prestei o concurso para professora de ensino superior. Como sempre lecionei com crianças, a experiência em lecionar para adultos seria um novo desafio. Fui aprovada no concurso público e passei a ser professora de ensino superior. Lecionei na Universidade Federal de Roraima (UFRR), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A afetividade sempre foi considerada importantíssima em toda minha trajetória profissional. Em busca de mais subsídios para compreender a importância da afetividade na educação concluí o curso de pós-graduação em Psicopedagogia.

Em 2005 fui convidada para lecionar em um curso de pós-graduação a distância. Desde então ganhou força meu interesse em investigar a afetividade. Passei a ver na Educação a Distância (EAD) uma solução para pessoas que têm dificuldades para se expressar oralmente. Pois, nos momentos assíncronos a distância, não existe a pressão de uma resposta imediata, permitindo um tempo para a reflexão no momento da escrita.

Assim, como professora, observei que nos ambientes virtuais ficava mais fácil para os alunos mostrarem suas dificuldades, seus sentimentos e suas angústias. Muitas vezes são sentimentos difíceis de serem expressos presencialmente. Fiquei curiosa para entender como os alunos percebiam a afetividade em seus professores. Como se sentiam acolhidos. Eram muitas as indagações e o projeto do mestrado seria uma opção para buscar as respostas.

Surgiu, então, a oportunidade, quando, uma colega da universidade comentou sobre o mestrado que ela havia feito. De posse das informações, me candidatei como aluna especial. Minha primeira disciplina foi sobre as tecnologias

na educação e a mesma me mostrou que realmente eu estava no caminho certo, me motivando e despertando meu interesse. Tudo foi se encaixando de forma precisa e hoje estou concluindo esta dissertação com muito prazer pensando no retorno para minha prática profissional.

Entendemos que a presente pesquisa é relevante para os professores em atuação, nos cursos de EAD e para os que pretendem e vão atuar na EAD. Muitos professores, assim como eu, foram convidados para lecionar nesta nova modalidade de ensino e querem adquirir novos conhecimentos.

A EAD está sendo vista como uma alternativa para favorecer a formação de professores em todo o Brasil, independente da região geográfica. Assim, se explica o fato da principal clientela, atendida nos cursos de graduação a distância ser justamente formada por professores. Segundo dados do MEC, em outubro de 2005 existiam no país 38 instituições credenciadas e autorizadas para ministrar 51 cursos de formação universitária a distância e, desses, 45 tinham como objetivo a formação de professores. Entretanto, apesar da quantidade de cursos existentes, ainda há poucas informações oficiais que possam atestar a qualidade das iniciativas.

Desta forma, mostra-se necessário ampliar os estudos sobre esta modalidade educacional, no intuito de aprimorar as práticas pedagógicas que estão sendo aplicadas.

De acordo com Meirelles e Maia (2004), em uma pesquisa sobre a situação do ensino superior a distância no Brasil, o índice de evasão nos cursos de graduação a distância estava em torno de 68%. A esse respeito, na mesma pesquisa, estes autores afirmam que nos cursos nos quais há menores índices de evasão, a interação é muito intensa entre os participantes e, deste fato, pode-se concluir que o aluno que se sente abandonado desiste com maior facilidade.

Meireles e Maia (2004) defendem a idéia de que o interesse do aluno no curso a distância é despertado por uma mediação pedagógica mais presente, com a qual o aluno sinta-se assistido em suas necessidades. Portanto, conclui-se que, para diminuir a taxa de evasão e oferecer curso a distância de qualidade, é necessário criar estratégias para favorecer um ambiente de aprendizado a distância, em que os aprendizes consigam sentir-se envolvidos afetivamente, atuando como construtores de seu conhecimento.

Por outro lado, os docentes da EAD, assim como eu, são profissionais que foram formados para atuar na modalidade presencial de ensino, e, portanto, confrontam-se com situações não vivenciadas anteriormente como alunos, com um tempo e espaço organizados de uma forma diferente. Além disso, a relação aluno/professor se estabelece diferentemente, sem contar com os olhares e gestos, sem ter uma reação instantânea do que foi apresentado e proposto.

De acordo com Souza (2005, p.66), estes fatores implicam “num conjunto de conhecimentos e habilidades didático-pedagógicas novas, que colocam, em muitos casos, em xeque encaminhamentos dados para situações presenciais”.

Acredito que a EAD como uma modalidade educativa pode provocar mudanças na prática pedagógica dos professores.

Os professores devem procurar estabelecer um diálogo aberto e reflexivo, no qual o aluno não tenha medo de expor suas dificuldades, para tanto, a afetividade é essencial, uma vez que, de acordo com La Taille (1992), a interação pressupõe a afetividade, pois a afetividade pode ser interpretada como uma energia, ou seja, como algo que impulsiona as ações: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço.

Com o intuito de atender às necessidades e expectativas de estudantes que necessitam de formação superior, mas não têm condições de frequentar aulas presenciais, diversas Universidades passaram a ministrar cursos a distância. O ensino a distância, exige uma nova percepção do professor em relação à sua formação, exige o conhecimento dos recursos tecnológicos, uma nova postura frente aos alunos e a aquisição de competências para trabalhar com essa nova modalidade de ensino.

Alguns estudiosos vêm apresentando considerações distintas e até conflitantes para a EAD. Cada autor enfatiza alguma característica em especial na sua conceituação.

Para Moore (2007), a definição da EAD é como uma família de métodos institucionais em que alunos e professores executam ações específicas. A comunicação entre eles é facilitada por meios impressos, eletrônicos, mecânicos ou outros.

Para Dohmem (1967 *apud* DOMINGO, 2010), a EAD é uma forma organizada de auto-estudo onde o aluno aprende com material que lhe é fornecido,

onde grupos de professores o acompanham e supervisionam. As Tecnologias de Informação (TIC) fazem ser possível vencer longas distâncias.

Segundo Peters (2003), a EAD é um método racional que por meio da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais se partilha conhecimento. Podem-se produzir materiais técnicos de alta qualidade para instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo. É uma forma de ensinar e aprender industrializada.

Para Moran (2005), a educação a distância é uma modalidade de ensino e de aprendizagem mediado por tecnologias, em que professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente.

Holmberg (1995) esclarece que educação a distância está escondida em vários tipos de estudos, em todos os níveis em que os tutores ou professores não estão em contínua supervisão nas salas de aula.

Segundo o professor Llamas, da Universidad de Educación a Distancia, a educação a distância “é uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem, sem limitação do lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Impõe novas atitudes para os alunos e para os professores e novos enfoques metodológicos”. Um desses novos papéis seria a necessidade de se valorizar a afetividade nas relações. A afetividade no processo de ensino a distância tornou-se um assunto de urgência, pois, a interação professor/aluno, se dá diferentemente do ensino presencial.

Com a expansão da EAD, surge uma nova figura na categoria docente: o professor/tutor. Esse profissional, de extrema importância para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, ainda merece atenção em termos de compreensão da configuração do seu trabalho. A implantação do programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) impõe a todos nós um compromisso com a qualidade de ensino neste país e, assim, compreendemos que os problemas apresentados ao docente-tutor virtual devem ser vistos como desafios a serem solucionados para pensar uma EAD com qualidade.

As considerações tecidas sobre a EAD e o conceito de afetividade que diz que a afetividade é um conjunto de fenômenos psicológicos que são expressos sob a forma de emoções, sentimentos e paixões relacionadas a prazer/dor, satisfação/insatisfação, agrado/desagrado, alegria/tristeza suscitaram inquietações determinantes na elaboração do objetivo geral desta pesquisa de investigar como se

manifesta a afetividade sob o olhar de alunos da pós-graduação nas relações entre docentes e discentes na educação a distância.

Os objetivos específicos foram: descrever a concepção dos alunos acerca da afetividade na educação, como percebem a afetividade nas relações educativas, verificar a contribuição do professor afetivo para a EAD, identificar características de um professor afetivo na educação a distância e se existe alguma mudança na visão do aluno sobre o professor após o contato pessoal com o mesmo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, escolhemos a entrevista como instrumento e os participantes foram dez alunos de um curso de EAD.

O trabalho, além desta introdução, está estruturado em quatro seções. A segunda seção aborda a questão da afetividade na EAD. Busca mostrar um breve histórico da EAD no Brasil e do Sistema Universidade Aberta (UAB), apresenta subsídios para o entendimento da afetividade, mostrando pesquisas atuais referentes à afetividade na educação e comenta sobre a comunicação na EAD e as competências de professores nessa modalidade de ensino. A terceira refere-se à metodologia utilizada passando pela apresentação dos participantes, por uma explicação de como é a educação a distância na universidade pesquisada, pela explicação do instrumento bem como dos procedimentos de coleta de dados esclarecendo a técnica de categorização utilizada para a análise das respostas obtidas a partir das entrevistas. A quarta aborda os resultados discutindo-os e desvelando a compreensão do sentido das representações de afetividade, mediante os elementos apontados pelos participantes. A última é dedicada às considerações finais.

Espera-se contribuir para a sensibilização dos educadores e futuros pedagogos quanto a suas práticas, chamando a atenção para a necessidade da afetividade na EAD a fim de que possam aprimorar suas relações com seus alunos e, conseqüentemente, proporcionar-lhes condições para melhor se desenvolverem.

2 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

2.1 Histórico da Educação a Distância no Brasil

Com o crescimento da EAD no Brasil, cabe-nos refletir e conhecer toda a sua história. Há escritos que datam o início da EAD no Brasil da primeira década do século XX, mais especificamente do ano de 1904, com a oferta de cursos técnicos com ensino por correspondência.

Alguns acontecimentos descrevem a história da EAD no nosso país (MAIA; MATTAR, 2007). O ano de 1904 foi marcado pelo anúncio que oferecia profissionalização por correspondência para datilógrafo na primeira edição da seção de classificados do Jornal do Brasil. Já, em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro criada por um grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto que oferecia curso da Associação Brasileira de Educação a Distância. Iniciou assim a Educação a Distância pelo rádio brasileiro.

Pouco tempo depois, em 1934, a Rádio–Escola Municipal, no Rio de Janeiro, instalada por Edgard Roquette-Pinto, projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal em que os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, e também era utilizada correspondência para contato com estudantes. Logo após, em 1939, foi criado o Instituto Monitor em São Paulo. Foi a primeira instituição brasileira a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência, na época, ainda, com o nome Instituto Rádio Técnico Monitor;

No ano de 1941 surge o Instituto Universal Brasileiro, que oferecia cursos profissionalizantes. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, já formou mais de quatro milhões de pessoas e hoje possui cerca de 200 mil alunos; juntaram-se ao Instituto Monitor e ao Instituto Universal Brasileiro outras organizações similares, que foram responsáveis pelo atendimento de milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante a distância. Algumas dessas instituições atuam até hoje.

Ainda na mesma década, em 1947 surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios

com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961. Entretanto, a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje.

A EAD, segundo Preti et al (2005), teve seu início no ano de 1950 com apoio de instituições públicas e privadas. Nem todas tiveram êxito, pois algumas eram ineficientes ou serviam a propósitos pouco educativos, como os criados pela ditadura militar brasileira.

Foi no ano de 1959 que a Diocese de Natal, (Rio Grande do Norte), criou algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal, utilizou-se inicialmente de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos.

Em 1962, é fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica; em 1967, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda neste ano, a Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio.

Desde 1970 tenta-se regularizar a EAD no Brasil com empresas privadas e organizações não governamentais. Criaram cursos supletivos a distância pela TV. Mas o ensino superior a distância começou a adquirir força apenas a partir de 1990, com a utilização das tecnologias de informação: internet, videoconferência, etc. com a oficialização da EAD pela nova LDB (LDB – n.9.394, de 20 de dezembro de 1996) como modalidade válida e equivalente para todos os níveis de ensino.

No início da década de 70, surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980.

Entre os anos de 1974 e 1976 surge o Instituto Padre Reus e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª à 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), com material televisivo, impresso e monitores e é criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional. Três anos depois a Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância, no

ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que em 1989 é transformado no Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância (CEAD).

Outro acontecimento importante foi a fundação do Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo Americano (1981) que oferecia Ensino Fundamental e Médio a distância. O objetivo do CIER era permitir que crianças, cujas famílias mudassem temporariamente para o exterior, continuassem a estudar pelo sistema educacional brasileiro. Em 1983, o SENAC desenvolveu uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada “Abrindo Caminhos”.

Em 1990, veio à tona a discussão em torno do uso de novas tecnologias e a EAD foi considerada uma possibilidade de ampliação de oportunidades educacionais para a população. Essa modalidade de ensino ainda está nos dias de hoje em processo de constituição.

No período de 1991 a 1996 o programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquette-Pinto tem início e em 1995 com o nome “Um salto para o Futuro”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. Era um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores, principalmente do Ensino Fundamental e alunos dos cursos de magistério. Atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país. No mesmo período é criada a Universidade Aberta de Brasília, o Centro Nacional de Educação a Distância e também a Secretaria Municipal de Educação cria a MultiRio (RJ) que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Ainda em 1995, foi criado o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;

Especificamente, em 1996, é criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação, dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. É neste ano também que a Educação a Distância surge oficialmente no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, embora somente regulamentada em 20 de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2005) que revogou os Decretos nº 2.494 de 10/02/98, e nº 2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria Ministerial nº 4.361 de 2004.

A UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil comprometidas na democratização do acesso à educação de qualidade, por meio da EAD, ofereceu cursos de graduação, pós-graduação e extensão (fundada em 2000). Nesse ano, também nasce o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), com a assinatura de um documento que inaugurava a parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro.

Entre 2002 e 2005, três acontecimentos marcaram o desenvolvimento da EAD: o Cederj é incorporado a Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (FUNDAÇÃO CECIERJ); vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, foram implantados pelo MEC. Entre eles o Pro Letramento e o Mídias na Educação. Estas ações conflagraram na criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil. É criada a Universidade Aberta do Brasil, uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância.

Entra em vigor, no ano de 2006, o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade a distância (BRASIL, 2006). Imediatamente após, em 2007, entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2005).

Foi em 2008, que em São Paulo, uma Lei permite o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial e no ano de 2009 entrou em vigor a Portaria nº 10, de 02 de julho de 2009, que fixa critérios para a dispensa de avaliação *in loco* e deu outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil (BRASIL, 2009).

Torna-se importante citar que entre as décadas de 1970 e 1980, fundações privadas e organizações não governamentais iniciaram a oferta de cursos supletivos a distância, no modelo de teleducação, com aulas via satélite, complementadas por kits de materiais impressos, demarcando a chegada da segunda geração de Educação a Distância no país. Somente na década de 1990, é

que a maior parte das Instituições de Ensino Superior brasileiras mobilizou-se para a Educação a Distância

Um estudo realizado por Schmitt, Macedo e Ulbricht (2008) mostrou com o uso de tecnologias de informação e comunicação que, quanto mais transparentes forem as informações sobre a organização e o funcionamento de cursos e programas a distância, e quanto mais conscientes estiveram os estudantes de seus direitos, deveres e atitudes de estudo, maior a credibilidade das instituições e mais bem-sucedidas serão as experiências na modalidade a distância.

O Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação a Distância (SEED), agia como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação, e das técnicas de EAD aos métodos didático-pedagógicos. Além disso, promovia a pesquisa e o desenvolvimento, voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010).

Os cursos de pós-graduação por meio da EAD tiveram seu marco inicial em 1996, com o nascimento da universidade virtual no Brasil. Hoje, busca provocar uma mudança radical no paradigma educacional, cujos referenciais se baseiam nos quatro pilares da Educação do Século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos, publicados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura UNESCO (DELORS, 1999).

A EAD no Brasil foi normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB (LDB – n.9.394, de 20 de dezembro de 1996), em fevereiro de 1998. De acordo com o Artigo 2º do decreto n. 2494/98, os cursos a distância que conferem certificado ou diploma de conclusão do ensino fundamental para jovens e adultos, do ensino médio, da educação profissional e de graduação serão oferecidas por instituições públicas ou privadas especificamente credenciadas para esse fim.

O Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, definiu a EAD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação com estudantes e professores.

As instituições federais (IFES) de ensino fazem o credenciamento do curso em EAD oferecido pelo Ministério da Educação MEC. Já os cursos de

especialização em EAD foram validados com o Parecer nº. 908/98 (aprovado em 02/12/98) e a Resolução nº. 3 (de 05/10/99) da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Em 2009, cerca de 74 instituições públicas de ensino ofertaram 541 cursos a distância no âmbito do sistema UAB, sendo 324 voltados para a formação de Professores.

Nunes (2009) afirma que nas próximas décadas assistiremos a um fenômeno: a integração entre educação presencial e a educação a distância. Esta modalidade ainda não tem nome.

Segundo Moraes (2007) a EAD expressa o movimento entre propostas educativas, com objetivos mais “democratizadores”, e momentos políticos, que determinaram visões diferenciadas que seria a democratização do ensino.

Os desafios são inúmeros para os educadores da EAD.

Segundo Torres (2004), uma das principais características da EAD contemporânea é a comunicação entre os autores com o uso das tecnologias de comunicação.

No Brasil, pela evolução rápida das tecnologias em rede e pela necessidade de incluir o maior número de alunos no ensino técnico e superior estamos em fase de mudanças na EAD.

Quando a inclusão digital chegar a todos os locais do Brasil com acessos domésticos e também nas instituições de ensino, a EAD provavelmente será referência para uma mudança profunda do ensino superior que cada vez mais está se expandindo e afetando a educação no nosso país.

2.2 O Sistema Universidade Aberta no Brasil

Em 2005, o Ministério da Educação lançou o programa Sistema Universidade Aberta do Brasil, o Sistema UAB, com o objetivo de democratizar, expandir e interiorizar a oferta de ensino superior público e gratuito no país.

O processo de implantação da Universidade Aberta do Brasil, fomentado a partir de 2005, com o Fórum das Estatais pela Educação, criado no dia 21 de setembro de 2004, teve “[...] a coordenação geral do Ministro Chefe da Casa Civil, a coordenação executiva do Ministro da Educação e também a participação das Empresas Estatais Brasileiras” (BRASIL, 2004, p. 1).

O Decreto n. 5800, de 08 de junho de 2005, que “dispõe sobre o sistema UAB” enfatiza a articulação das instituições públicas de ensino superior com os polos de apoio presencial destinados a orientar, de modo descentralizado, as atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas.

De acordo com o texto que trata do projeto UAB, a Fundação de Apoio à Universidade Aberta do Brasil (AFUAB) se constituiria numa organização de direito privado, sem fins lucrativos e teria as funções de: estruturar e implantar o Programa de bolsas de Pesquisa em Educação Aberta e a Distância (EAD), visando a consolidação de uma comunidade de pesquisadores em TIC aplicadas à educação; estimular e articular a formação de Consórcios Públicos envolvendo a União, os Estados e os Municípios com a participação de Universidades Públicas Federais, atuando nos Estados da Federação, para funcionamento prioritário na modalidade de EAD e estabelecer estratégia para tratamento dos elementos formadores da Universidade Aberta do Brasil – UAB. (BRASIL, 2005, p. 3).

A missão principal da Universidade Aberta do Brasil é ampliar e interiorizar as ofertas de cursos superiores ao público em geral por meio da metodologia a distância. Entretanto, a prioridade é a formação de professores para a educação básica. Este direcionamento encontra respaldo na qualificação docente visualizada nos dados coletados nos censos educacionais. O projeto não prevê a criação de uma Universidade semelhante as que conhecemos, estruturada com reitoria, departamentos, campus, equipe administrativa e quadro docente. O Sistema atua como um personagem que direciona, fomenta e regulamenta a atuação de Universidades existentes por meio de consórcio com as três esferas administrativas: União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Mesmo antes do Decreto 5800/2006 oficializar o sistema UAB, o Ministério da Educação já lançara, no dia 16 de dezembro de 2005, o primeiro edital realizando chamada pública para que Estados, Municípios e Universidades pudessem ingressar no sistema e implantar o projeto. O edital estava dividido em duas partes. Na primeira, Estados e ou Municípios poderiam apresentar proposta para instalação de Polos de Apoio Presencial, na qual deveriam construir as dependências físicas atendendo a configuração mínima indicada no edital, assumindo todas as responsabilidades financeiras e administrativas elencadas. A segunda parte, referia-se às Universidades na qual as interessadas deveriam

apresentar propostas de cursos para serem aplicados nos Polos de Apoio Presencial.

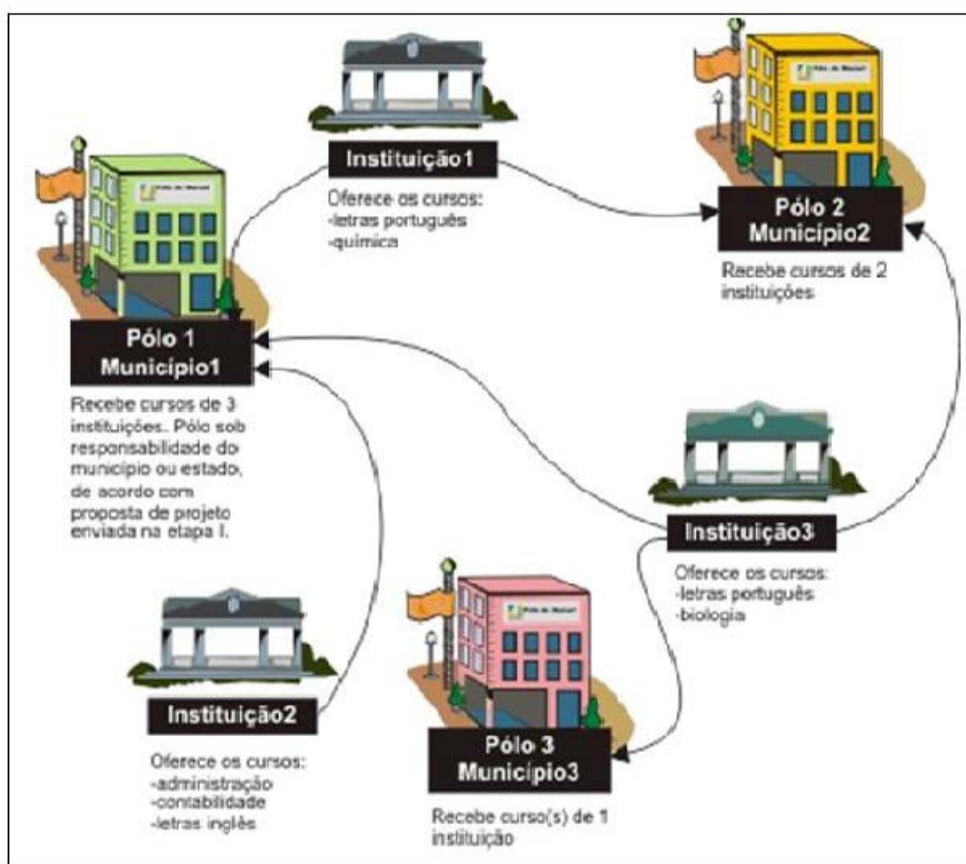
Segundo Alves (2007), a UAB não é uma universidade propriamente dita, mas sim um consórcio de instituições públicas de ensino superior visando permitir maior acesso da população ao ensino superior.

O programa UAB passou a integrar as atividades da Diretoria de Educação a Distância do MEC a partir de 2007, com as novas atribuições da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com a missão fundamental de colaborar com o processo de formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

A Capes, ademais, coordenou as ações que culminaram no lançamento do Plano Nacional de Professores da Educação Básica, que prevê um regime de colaboração entre União, estados e municípios para a elaboração de uma estratégia de formação inicial e continuada de professores. O plano estabeleceu os Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente, que identificaram a demanda por educação à distância em licenciaturas de todas as áreas e em pedagogia e orientam a oferta pelas Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES) de cursos em Polos de Apoio Presencial.

O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem como prioridade a formação de professores para a Educação Básica. Para atingir este objetivo central a UAB realiza uma articulação promovendo cursos entre instituições públicas de ensino superior, estados e municípios brasileiros, através da metodologia da EAD. A intenção seria o acesso ao ensino superior para camadas da população que estão excluídas do processo educacional.

Figura 1. Organograma do relacionamento entre Polos e Instituições no Sistema UAB.



Fonte: http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=19. Acesso em: 20 set. 2012.

Com relação aos cursos ofertados, em consulta na base de dados do Sistema de Informação Universidade Aberta do Brasil verificou-se que, no início de 2012, eram ofertados 212 cursos sendo executados em 924 ofertas distintas, distribuídos em Bacharelado (9 cursos), Licenciatura (47 cursos), Tecnólogo (14 cursos), Formação pedagógica (8 cursos), Especialização (87 cursos), Aperfeiçoamento (27 cursos), Extensão (18 cursos) e Seqüencial (2 cursos).

2.3 Afetividade na Educação

Como é de interesse da presente pesquisa investigar a percepção de alunos acerca da afetividade nas relações entre docentes e discentes, o foco é na descrição desse aspecto.

A respeito da afetividade, são diversas as definições encontradas na literatura.

Almeida (2007) afirma que a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno. Reitera a afetividade como sendo um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social.

Leite e Tassoni (2000) analisam que é mais adequado compreender o afetivo como uma característica das relações humanas e das experiências que elas evocam, pois as relações sociais marcam a vida do ser humano, atribuindo a realidade que compõe seu contexto (lugares, situações, coisas, etc.) um significado afetivo.

Para Carvalho e Cuzin (2008), a afetividade é assinalada pela demonstração de sentimentos intrínsecos que abrangem amor, paixões entre outros, em que o indivíduo tem competência de considerar, na tentativa de entender os sentimentos, por meio das relações sociais instituídas no meio que o cerca.

Nada obstante, ainda é complicado atribuir um significado preciso haja vista a existência de um elemento subjetivo, e, também, a falta de concordância quanto à terminologia mais adequada a ser utilizada para nomear essas sensações. Assim, por vezes se emprega, de forma desnecessária e intercambiável, quase como sinônimos, os termos emoção, sentimento e afeto. Todavia, a cada um desses termos deve ser pensado e aplicado uma significação precisa, em respeito à etimologia e às diversas reações mentais e físicas que originam.

Engelmann (1978) realizou uma revisão terminológica aprofundada em relação às variações semânticas, no decorrer do tempo, das palavras e conceitos interligados aos sentimentos, às emoções, aos estados de ânimo, ao afeto, à paixão e aos estados afetivos, em distintos idiomas (alemão, português, italiano, inglês), no intuito de esclarecer e explicar as particularidades de significado de cada termo que, com frequência, são utilizados como sinônimos. Existem divergências quanto à conceituação dos fenômenos afetivos. Na literatura encontram-se, eventualmente, a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento, aparentemente como sinônimos. Entretanto, na maioria das vezes, o termo emoção apresenta-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física.

Araújo (2002) define as emoções como estados interiores dos indivíduos, isto é, como complexos conjuntos de reações químicas e neurais, biologicamente determinadas e dependentes de mecanismos cerebrais. Já os sentimentos são a experiência mental de uma emoção. À afetividade, contudo, é atribuída uma percepção mais extensa, que oferece significação ao conjugado de afetos que o indivíduo sente em relação a si próprio e aos demais, à natureza e à vida.

A afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

É apontada como responsável pela forma que o indivíduo se relaciona com o seu meio, sendo por meio das alterações de ânimo que o indivíduo apreende o que o cerca. Enfim, afetividade tem ampla influência sobre o raciocinar e o fazer do indivíduo e na maneira como o aluno vai se apropriando dos conhecimentos, pois “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 47, 52).

Para Andrade (2007), a afetividade relaciona-se aos sistemas de valores que são instituídos desde quando a criança é pequena, inserindo-se em um meio pertinente aos vínculos afetivos que o indivíduo recebe de quem o cuida e desenvolve desde seu nascimento.

Alves (2007) enfatiza que a afetividade é um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (estudantes), os professores e os diversos objetos do conhecimento (conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Percebemos que, historicamente a razão sempre foi considerada superior à emoção. A proposta de uma separação dicotômica entre razão e emoção, afetividade e cognição não é característica do mundo contemporâneo. Descartes, com sua premissa “Penso, logo existo” já sugeria a possibilidade de separação entre razão e emoção. Essa afirmação traduz que quando um ser humano vem ao mundo ele só passa a existir de fato quando começa a pensar. Pensar e ter consciência do pensar são, para ele, a verdadeira essência de existir. Segundo Damásio, em

termos humanos, essa formulação é restrita, incompleta e insatisfatória e deveria ser alterada para “Existo e sinto, logo penso”.

Os sentimentos e as emoções são percepções diretas dos estados corporais e constituem um elo social entre corpo e consciência implicando a compreensão da complexa “maquinaria biológica e sociocultural” (DAMÁSIO, 1996). Sobre esta questão, faço referência a obra de Damásio “O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano” (1996). Em seu texto, o autor afirma que em termos anatômicos e funcionais pode existir um elo de ligação entre razão e sentimentos e entre esses e o corpo. Sendo assim, a razão não é pura e nem menos importante que as emoções e nem as emoções tornam a verificação empírica desnecessária.

Arantes (2002) explica que, bem como Descartes, Immanuel Kant defendeu a impossibilidade do encontro entre razão e felicidade quando afirmou que “quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento” (KANT apud ARANTES, 2002, p. 161).

Entendemos então que esses pensadores, Descartes e Kant, defendem essa premissa que deixa a afetividade em segundo plano e afirmam que as ações cognitivas devem se desvincular, desprezar a influência afetiva.

No campo da psicologia há quem se coloque favorável à Descartes e Kant, mas também há aqueles que privilegiam os aspectos afetivos na explicação dos pensamentos humanos e isso faz com que algumas perspectivas teóricas caminhem para inovar os estudos sobre o funcionamento psíquico do ser humano, integrando cognição e afetividade, razões e emoções.

No entanto, sabe-se que reações emocionais, levadas ao extremo, alteram consideravelmente o aprendizado. As emoções negativas e positivas possuem um considerável poder de influência sobre o conjunto de nossas funções cognitivas e intelectuais.

Assim, existem teóricos tentando desmistificar a visão dualista, ainda encontrada no século XXI. Maturana (1999) diz que vivemos numa cultura em que não existe um entrelaçamento entre razão e emoção, que constitui o viver humano. Ele defende que exista uma relação entre afetividade e racionalidade dentro da educação. O uso do dualismo razão e emoção neste século XXI seguem vivendo

sobre o prisma cognição e afetividade indissociáveis no funcionamento psíquico humano.

Considerar a afetividade no processo de ensino e de aprendizagem é de importância ímpar. Segundo, Chabot e Chabot (2005) o verdadeiro aprendizado se faz quando sentimos, e não quando entendemos algo.

De acordo com Oliveira (1998) a afetividade influencia profundamente o desenvolvimento intelectual, podendo assim, acelerar ou diminuir o seu ritmo de desenvolvimento.

No início do século passado, porém, essa idéia foi uma verdadeira revolução no ensino. Uma revolução comandada por um médico, psicólogo e filósofo francês chamado Henri Wallon.

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em Paris, França, em 1879. Graduou-se em medicina e psicologia. Fez também filosofia. Atuou como médico na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ajudando a cuidar de pessoas com distúrbios psiquiátricos. Em 1925, criou um laboratório de psicologia biológica da criança. Quatro anos mais tarde, tornou-se professor da Universidade Sorbonne e vice-presidente do Grupo Francês de Educação Nova - instituição que ajudou a revolucionar o sistema de ensino daquele país e da qual foi presidente de 1946 até morrer, também em Paris, em 1962. Ao longo de toda a vida, dedicou-se a conhecer a infância e os caminhos da inteligência nas crianças. Militante de esquerda, participou das forças de resistência contra Adolf Hitler e foi perseguido pela Gestapo (a polícia política nazista) durante a Segunda Guerra (1939-1945).

Em 1947, propôs mudanças estruturais no sistema educacional francês. Coordenou o projeto Reforma do Ensino, conhecido como Langevin-Wallon - conjunto de propostas equivalente à nossa Lei de Diretrizes e Bases. Nele, por exemplo, está escrito que nenhum aluno deve ser reprovado numa avaliação escolar. Em 1948, lançou a revista *Enfance*, que serviria de plataforma de novas idéias no mundo da educação - e que rapidamente se transformou numa espécie de bíblia para pesquisadores e professores.

Expressivo teórico da temática, ao referenciar a questão da afetividade, evidencia a importância desta dimensão não apenas nos processos de aprendizagem, mas também no funcionamento e desenvolvimento humano. Para Wallon (1973) a afetividade envolve uma gama de manifestações englobando as

dimensões psicológicas e biológicas, ou seja, os sentimentos e as emoções. O autor colocou a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento.

Ao estudar a criança, ele não considera a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva -, que coexistem e atuam de forma integrada.

Ainda na perspectiva de Wallon (1968) a afetividade é de extrema importância para a constituição e o funcionamento da inteligência determinando os interesses e as necessidades individuais. Por isso,

os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON,1986, p.262).

Pode-se afirmar que em um primeiro momento é determinada pelo fator orgânico, contudo, no transcorrer da vida passa a ser profundamente influenciada pela ação do meio social, sendo por ele defendida como uma evolução progressiva da afetividade concomitante com o desenvolvimento humano.

A afetividade influencia o processo de ensino e de aprendizagem e as relações. A presença do afeto nos atos educativos aparece nas atividades propostas, nas relações professores e alunos, no imaginário escolar e faz-nos sempre estar refletindo sobre o seu lugar nos processos formativos. Implica na capacidade do sujeito de ser afetado positiva ou negativamente pelo mundo dentro e fora dele, reagindo a cada situação vivenciada com prazer (bem-estar) ou desprazer (mal-estar).

A origem da inteligência é genética e social organicamente. Assim, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon (1973) é centralizada na psicogênese do indivíduo completo. O autor situa a noção de pessoa como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, e cujo processo de desenvolvimento ocorre na integração do orgânico com o meio, que em sua teoria é sempre predominantemente social. O desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais. No

que diz respeito à afetividade e cognição, esses conjuntos revezam-se, em termos de prevalência, ao longo dos estágios de desenvolvimento.

Para ele, a criança é basicamente emocional e gradativamente vai tornando-se um ser sócio-cognitivo. O autor realizou estudos sobre a criança contextualizada, como uma realidade viva e total no conjunto de seus comportamentos, suas condições de existência. As crianças comunicam-se e instituem-se como sujeitos com significação antes do aparecimento da linguagem falada, por meio da ação e interpretação do meio entre os demais, edificando suas próprias emoções, que é seu primitivo sistema de expressiva comunicação.

De acordo com Wallon (1973), o transcorrer dos estágios de desenvolvimento não ocorre de forma linear, por ampliação, mas por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, crises que comprometem a conduta da criança. Sua teoria avalia o desenvolvimento do indivíduo completo associado ao meio em que se encontra, com os seus fechos cognitivo, afetivo e motor também associados.

Na perspectiva genética de Wallon (1973), afetividade e inteligência estão associadas de forma que o desenvolvimento da afetividade está sujeito às construções desempenhadas no plano da inteligência, do mesmo modo como o desenvolvimento da inteligência está condicionado às construções afetivas. Para o autor, a cognição é de extrema importância, mas não mais do que a motricidade ou afetividade.

Apoiado nas prerrogativas de Wallon, Galvão (1995), defende que é impossível tratar o processo de aprendizagem ligado somente aos aspectos cognitivos, uma vez que o indivíduo passa por determinações externas e internas e não poderia estar dissociado da questão afetiva para lidar com sua construção como sujeito histórico.

Já para Dantas (1992), a afetividade, não é somente uma das dimensões do indivíduo, mas também uma etapa do desenvolvimento. O ser humano logo que sai da vida meramente orgânica passa a ser um ser afetivo, distinguindo-se a afetividade, vagorosamente, da vida racional. Sendo assim, no início da vida, afetividade e inteligência encontram-se misturadas sincreticamente com a preponderância da primeira. Portanto, deve ser apreciada na composição do indivíduo esta outra dimensão do desenvolvimento, sobretudo no processo

educativo com o intuito de proporcionar o desenvolvimento saudável e pleno do sujeito.

Araújo (2000) observa que na teoria genética de Wallon, afetividade e inteligência estão relacionadas: o desenvolvimento da afetividade está sujeito às construções desempenhadas no plano da inteligência, assim também como a inteligência está sujeita às construções afetivas. Contudo, o autor reconhece que, ao longo do desenvolvimento humano, há momentos em que ora prepondera o afetivo e ora a inteligência.

Ainda de acordo com Araújo (2000), Wallon rompeu com a visão valorativa das emoções, no intuito de compreendê-las a partir da apreensão de suas funções, conferindo-lhes uma função central na evolução da consciência de si, concebendo as emoções como um fenômeno psíquico e social, além de orgânico.

O aspecto afetivo pode refletir no indivíduo tanto nas instâncias orgânica, psíquica como social. Conseqüentemente, a escola deve conferir um maior valor para essa função que constitui o sujeito por ela influenciar o processo de ensino-aprendizagem.

A afetividade, quando predomina, é a energia que mobiliza a pessoa a agir, dando direção ao cognitivo e ao motor; logo, é um dos aspectos importantes para mobilizar a atenção dos alunos na situação de ensino-aprendizagem.

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo os fatores sociais e orgânicos modificam tanto as manifestações afetivas quanto suas formas de expressão, sendo que, inicialmente, a afetividade é determinada basicamente por fatores orgânicos passando a ser cada vez mais influenciada pela ação do meio social.

Quando considerada num processo de evolução, a afetividade passa por três momentos sucessivos: a emoção, os sentimentos e a paixão. A emoção é orgânica e, dependendo da intensidade, tem o poder de abalar o aparelho psico-orgânico em toda a sua extensão; é a exteriorização da afetividade e tem como base o tônus muscular, que é o que possibilita ao corpo se comunicar, constituindo o que Wallon denomina de *plasticidade*. Outra característica importante da emoção é o seu poder de mobilizar reações semelhantes ou contrárias no outro, o *contágio*. “A emoção estabelece uma relação imediata dos indivíduos entre si, independentemente de toda relação intelectual.” (WALLON, 1995, p. 135).

Os sentimentos fazem parte de uma etapa mais elaborada da afetividade, são de predomínio cognitivo e requerem uma abstração/representação; geralmente são acompanhados de emoção, mas a atividade intelectual própria dos sentimentos é capaz de reduzir o poder da emoção. Quando trazemos a emoção à consciência e a representamos, nomeando-a, ela se reduz.

O último componente da afetividade, a paixão, tem, na definição do autor, um caráter muito diferente daquele do senso comum. Para o mesmo autor, na paixão prepondera o cognitivo, a ponto de tornar a emoção silenciosa, porque implica em autocontrole sobre ela. Aparece somente após os três anos de idade, é mais encoberta, mais duradoura, e mais focada.

Pertencem, portanto ao âmbito da afetividade reações de prazer e desprazer que revelam valores, interesses vontades, necessidades e motivações do sujeito. Os domínios da afetividade, do motor e do cognitivo nutrem-se mutuamente e podem, em situações diversas, funcionar com predominâncias um sobre o outro, mas os três sempre estão presentes.

Então, uma das contribuições centrais de Wallon (1968) importante para esta pesquisa está em dispor de uma conceituação diferencial sobre emoção, sentimentos e paixão, incluindo todas essas manifestações como um desdobramento de um domínio funcional mais abrangente: afetividade, sem, contudo, reduzi-los uns aos outros. Assim podemos definir a afetividade como o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição.

Conceitualmente, a afetividade deve ser distinguida de suas manifestações, diferenciando-se do sentimento, da paixão, da emoção. A afetividade é um campo mais amplo, já que inclui esses últimos, bem como as primeiras manifestações de tonalidades afetivas basicamente orgânicas. Em outras palavras, afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões (WALLON, 1968, p. 2).

Segundo a teoria walloniana, o domínio funcional cognitivo oferece um conjunto de funções que permite: “identificar e definir [...] significações, classificá-las, dissociá-las, reuni-las, confrontar suas relações lógicas e

experimentais, tentar reconstruir por meio delas qual pode ser a estrutura das coisas" (WALLON, 1968, p. 117).

Um estudo a cerca da afetividade foi desenvolvido por Ribeiro (2005) no qual relata que as formas como os professores representam a competência afetiva na relação educativa determina a importância que eles dão aos diferentes elementos que compõem tal competência e também destaca a organização do conteúdo das representações de afetividade. Observou-se que os professores entendem a afetividade como um sentimento que é concebido pela afeição entre os indivíduos e que este sentimento é adquirido por meio de atitudes internas que levam o aluno a respeitar, proteger, ajudar, compreender e desejar a aproximação do outro.

Também foi observado que a relação de afetividade fortalece o vínculo entre alunos e professores e em um ambiente de confiança, os alunos passam a construir auto-imagem positiva, um compromisso com o professor e passam a participar ativamente das aulas melhorando a qualidade do ensino e diminuindo a desistência nos estudos (RIBEIRO, 2005).

Ribeiro (2005), por meio de entrevistas com professores, constatou que os programas de formação de docente são falhos no que diz respeito ao universo da afetividade. Falta orientação, sugestões e auxílio na hora de resolver situações com alunos que trazem consigo problemas graves. Um professor afetivo tem algumas características que são: ser humano, seguro, afetuoso, compreensivo, humilde, confiante, próximo, e aberto às críticas e ao diálogo. Ele precisa estar atento às necessidades dos alunos, estar disponível para conversas, ser criativo, trazendo a teoria para o cotidiano dos alunos, estimular a prática de trabalhos em grupo, observar as mudanças que ocorrem em seus alunos e estar em constante busca pelo saber, adquirindo conhecimentos.

O desenvolvimento do respeito e da confiança entre professor-aluno e de aluno-aluno faz com que cada indivíduo aprenda a expressar seus sentimentos de forma natural e assim o professor passa a observar e conhecer as dificuldades dos seus alunos. Neste processo de conhecimento destaca-se que é importante observar os obstáculos que existem na busca pela afetividade aluno-professor. Alguns dos obstáculos encontrados são: os comportamentos indesejáveis dos alunos, o meio em que vivem: a miséria, promiscuidade e carência afetiva familiar. E também as condições pessoais e profissionais dos professores, que é importante

frisarem que são seres humanos e têm suas dificuldades e limitações como: as frustrações pessoais e profissionais, a baixa autoestima, o salário insuficiente, a não valorização do trabalho social que eles desempenham a falta de apoio das próprias famílias dos alunos que por muitas vezes acabam tirando a autoridade do professor, o medo de perder o controle na sala de aula que gera atitudes por parte dos professores que são nocivas a afetividade (RIBEIRO, 2005).

Tassoni (2000), por exemplo, realizou sua pesquisa em três classes de uma escola da rede particular de ensino, envolvendo alunos de seis anos em média e quatro professoras (uma delas era professora auxiliar que dava suporte ao trabalho pedagógico com as três classes). Na pesquisa, identificou que a interpretação que esses alunos fazem do comportamento das professoras em situações de ensino-aprendizagem é de natureza afetiva. A análise dos dados se deu por meio do levantamento de categorias, a partir dos comentários dos alunos feitos ao assistirem a cenas vídeo gravadas de inúmeras interações ocorridas em sala de aula entre as professoras e os alunos, durante as atividades pedagógicas. As crianças comentavam sobre o comportamento da professora, os quais eram permeados por sentimentos. Falavam do que gostavam no comportamento da professora e indicavam quando este comportamento influenciava o desempenho e a aprendizagem.

As interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes envolvidas – professores e alunos. Uma maneira de agir está intimamente relacionada à atuação anterior e determina, sobremaneira, o comportamento seguinte. Na verdade, é pela somatória das diversas formas de atuação, durante as atividades pedagógicas, que a professora vai qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê - da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê - afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino e de aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeta cada aluno individualmente.

Souza (2005) destaca em seu estudo a importância da visão positiva do professor em relação a si mesmo, sua valorização, acreditar em si mesmo. Como a função do professor é, além de transmitir o conhecimento, formar alunos pensantes, com caráter, com dignidade, ajudá-los a progredir, dar carinho e atenção que muitas vezes não recebem de suas famílias, os professores precisam estar bem consigo mesmo, ter autoestima, precisam ser valorizados e respeitados, precisam ter orientação para saber como agir e como planejar atividades dinâmicas para aproximar os alunos e poder assim observá-los em momentos de descontração.

Fica destacada pelos estudiosos aqui citados a necessidade de se cuidar do aspecto afetivo no processo de ensino e de aprendizagem, levando em conta cada fase do desenvolvimento humano.

O processo é uma ação complexa. Ele exige dos professores muito mais que o domínio dos conteúdos. Os professores precisam ter a capacidade de incentivar seus alunos, dar atenção às suas dificuldades e aos seus progressos, ter respeito pelas diferenças, dentre outros aspectos. Os sujeitos se envolvem no processo de ensino e de aprendizagem e se desenvolvem por meio das interações. O sucesso dessa construção vai depender da qualidade das relações (LEITE, 2000). Não cabe ao professor apenas transmitir conhecimento, mas proporcionar oportunidades para que o aluno aprenda. A afetividade deve estar presente na educação, ela permite criar um ambiente que venha a favorecer o aprendizado.

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (CUNHA, 2008, p.51).

Com afetividade talvez o educador consiga transpor barreiras didáticas que distanciam o aluno do aprendizado, permitindo assim, a criação de um ambiente pedagogicamente favorável que contribua para seu aprendizado afetivo e intelectual. Quando o aluno sente prazer em aprender fica motivado para a busca do conhecimento e com isso aprende melhor ou com maior facilidade.

A afetividade deve ser mais um caminho para a solução de problemas. A afetividade deve ser voltada à formação de seres humanos íntegros, talentosos,

críticos e conscientes. Nas instituições de ensino, o afeto pode ser traduzido de inúmeras formas, dentre elas, no jeito delicado do professor corrigir o aluno, na forma serena de explicar, de transmitir informações, tirar dúvidas, perceber as dificuldades do aluno e tentar saná-las. E no ensino a distância?

Vamos continuar esse estudo desvelando e promovendo a inclusão dos afetos no âmbito educacional e principalmente no ensino à distância por ser esta modalidade o foco deste trabalho.

Na EAD é principalmente através de mensagens que professores e alunos interagem. Nesta relação a afetividade deve estar inserida. Veremos então como se dá a comunicação na EAD.

2.4 A Comunicação na Educação a Distância

No processo de ensino-aprendizagem na modalidade de educação a distância professores e estudantes se encontram distanciados no espaço e no tempo, o que faz com que a comunicação entre ambos nesse percurso ocorra pela utilização de diferentes meios tecnológicos (BELLONI, 2003), tais como ambientes on line, videoconferências, correios, telefone, materiais impressos, mensagens, entre outros.

De um modo geral, a maior parte da comunicação entre estudantes e professores ocorre pelo ambiente virtual de aprendizagem (AVA), por meio das ferramentas fórum, contato, e mural de avisos, embora alguns professores utilizem a ferramenta MSN, que não é oferecida no ambiente virtual Moodle. O uso do MSN é uma constante na comunicação entre professores e alunos. Acreditamos que esse fato decorre da familiaridade dos agentes com essa ferramenta e por suas possibilidades de comunicação síncrona. Além disso, nos momentos em que acontecem falhas de ordem técnica na plataforma Moodle utilizada neste curso, a comunicação entre professores, e estudantes é feita por e-mail, ou seja, também fora do ambiente virtual. É preciso interação e diálogo entre professores, estudantes e tutores, para que a aprendizagem autônoma, base da EAD, aconteça.

Segundo Belloni (2003), o maior desafio a ser enfrentado pelos professores a distância, diz respeito a questões socioafetiva, estratégias de contato e interação com os estudantes e não aos conteúdos, sistemas de avaliação e de produção de materiais. Esta afirmação pode ser justificada pelo fato de que as

instituições que oferecem cursos a distância, geralmente, contam com uma grande equipe técnica, responsável pela elaboração e distribuição de materiais.

Desta forma, o grande desafio do formador a distância é a mediação. Para Belloni (2003, p. 62), “‘mediatizar’ será uma das competências mais importantes e indispensáveis à concepção e realização de qualquer ação de EAD”.

A multiplicidade de agentes envolvidos na EAD indica a complexidade do estudo da comunicação.

Os autores estudados nos indicam alguns caminhos para a construção de um referencial teórico metodológico que possibilite analisar as interações entre os agentes.

A importância da comunicação através da linguagem escrita na EAD foi estudada a partir de uma pesquisa com exemplos de diálogos reais baseados nos princípios apresentados por Cabral e Cavalcante (2010 p. 56-65).

Com a mudança do papel do professor nesse contexto, passando de detentor e transmissor do conhecimento para interlocutor e motivador, mediando o processo, cabe a ele a função de estimular e orientar o que está sendo apresentado pelo aluno, motivo pelo qual precisamos ficar atentos às maneiras como nos dirigimos aos nossos alunos nas diversas situações que surgem, pois de nossa linguagem escrita, principal instrumento de comunicação nas práticas educativas a distância, depende a eficácia na interação (CABRAL; CAVALCANTE, 2010, p. 79).

Consideramos que manter a motivação dos alunos, seu aprendizado e sua participação ativa nas atividades é uma tarefa complexa pela ausência de proximidade física. Para que haja compartilhamento de saberes, cresce de importância o processo dialógico através das linguagens escritas para facilitar o entendimento do aluno, diante das limitações espaciais e temporais.

É importante compreender os processos de comunicação na EAD e as possibilidades de uma linguagem escrita adequada para melhorar o relacionamento, a interatividade e a colaboração no ambiente virtual.

Para Kenski (2004), estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso (KENSKI, 2004, p. 67).

Os docentes da EAD são profissionais que foram formados para atuar na modalidade presencial de ensino, e, portanto, confrontam-se com situações não vivenciadas anteriormente como alunos, com um tempo e espaço organizados de uma forma diferente. Além disso, a relação aluno/professor se estabelece diferentemente, sem contar com os olhares e gestos, sem ter uma reação instantânea do que foi apresentado e proposto.

Para Souza (2005), estes fatores implicam “num conjunto de conhecimentos e habilidades didático-pedagógicas novas, que colocam, em muitos casos, em xeque, encaminhamentos dados para situações presenciais” (SOUZA, 2005, p. 66).

De acordo com Souza (2005, p. 67), surge, neste contexto, um novo espaço pedagógico, “centrado não mais no aluno ou no educador, mas nas relações - não mais de uma turma, mas de uma comunidade virtual de aprendizagem”.

Moore (2007) distingue o diálogo de outras formas de interação que ocorrem na EAD. Um diálogo é intencional, construtivo e valorizado por cada parte. Cada parte num diálogo é um ouvinte respeitoso e ativo; cada uma elabora e adiciona algo à contribuição de outra parte ou partes. Pode haver interações negativas ou neutras; o termo "diálogo" é reservado para interações positivas, onde o valor incide sobre a natureza sinérgica da relação entre as partes envolvidas.

Para Peters (2003), “o diálogo torna-se importante pedagogicamente porque nele linguagem, pensamento e ação estão intimamente relacionados e porque realizam o desenvolvimento individual e social do ser humano” (PETERS, 2003, p.80).

Então, o professor deve procurar estabelecer um diálogo aberto e reflexivo, no qual o aluno não tenha medo de expor suas dificuldades, para tanto, a afetividade é essencial.

A afetividade é uma condição para que o professor possa identificar o nível de conhecimento real de seu aluno, e as relações que se estabelecem no grupo de alunos. Porém, após estabelecer um diálogo afetivo com o grupo é necessário criar situações de aprendizagem.

Moran (2002) complementa, afirmando que,

No mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. (...) A afetividade pode asfixiar conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais (p. 20).

A partir das relações sociais, as manifestações orgânicas tornam-se meios de expressão cada vez mais diferenciados, é desta forma que as crianças iniciam o período emocional. Então, a emoção é uma forma de exteriorização da afetividade que evolui como as demais manifestações, sob o impacto das condições sociais (ALMEIDA, 1999).

Para Galvão (1995, p. 57), “a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico”. Na relação entre a emoção e o meio social, há uma transformação nas formas de expressão da emoção, tornando-os instrumentos de socialização. Para Almeida (2007, p. 3), “essa especialização tende a reprimir as expressões emocionais. As formas de expressão tornam-se cada vez mais socializadas, a ponto de não expressarem mais o arrebatamento característico de uma emoção”.

A respeito da relação entre emoção e grupo social, Galvão (1996, p. 64), afirma que “a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação”.

Num ambiente de EAD, pensemos em um aluno que está entusiasmado para entrar no fórum e dialogar com seu grupo de estudos sobre o desenvolvimento de uma atividade. Ao entrar, depara-se com um clima tenso, todos estão insatisfeitos com o desempenho do grupo. De acordo com Galvão (1995), para Wallon (2007), desse confronto de emoções só existem dois resultados possíveis. Ou o aluno entusiasmado é contagiado pela tensão do ambiente, e também fica nervoso, ou, ao contrário, o grupo todo é contagiado pelo seu entusiasmo. A emoção tem um efeito contagiante. De acordo com Galvão (1995, p. 65), por seu poder contagiante, “as emoções propiciam relações interindividuais nas quais se diluem os contornos da personalidade de cada um”.

Moore e Kearsley (2007) dizem que os professores da EAD não sabem como os alunos vão reagir ao que ele escreveu. Isso ocorre até que o professor tenha experiência e consiga prever as reações dos alunos. Mesmo assim as reações são diferentes entre as pessoas. Afirmam que os professores da EAD devem ter empatia e capacidade para entender as personalidades de seus alunos, mesmo quando filtradas pelas comunicações transmitidas tecnologicamente. Os alunos precisam ser orientados para que se envolvam ativamente no processo de aprendizagem. O professor então precisa desenvolver algumas competências.

2.5 Competências Docentes para Educação a Distância

Há várias denominações para o papel do docente em Educação a distância: assistente, assessor, tutor, professor, acompanhante, facilitador, mediador. Mais importante que a denominação é a ação que realiza com as competências que possui e que são indispensáveis para um trabalho consistente.

Existe uma grande variedade de concepções e definições sobre competências. Segundo Fleury (2002), a competência é uma característica de uma pessoa, relacionada com desempenho superior na realização de uma tarefa ou em uma situação. Ele diferenciou de aptidão, que é um talento natural da pessoa, que pode ser aprimorado, e de habilidades, que é a demonstração de um talento particular na prática e conhecimentos: o que as pessoas precisam saber para desempenhar uma tarefa. Fleury (2002) conceitua competência como um saber agir responsável e reconhecido que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agregue valor econômico à organização e valor social ao indivíduo.

Competência é diferente de qualificação na medida em que diz respeito ao saber fazer e ao saber agir num contexto profissional. Não há formação de competências se não houver situações profissionais que demandem, desenvolvam e consolidem conhecimentos e habilidades.

Para Belloni (2003), competência é um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que capacitam um profissional a desempenhar as suas tarefas de forma satisfatória, tomando como critério avaliativo os padrões esperados em um determinado momento, em uma determinada cultura” (BELLONI, 2003).

Perrenoud et al (2001) define competência como a capacidade de agir com eficácia em determinadas situações, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Analisando a visão proposta por Perrenoud et al. (2001) para designação de competência, vemos que o indivíduo mobiliza seus recursos cognitivos, cria operações mentais para enfrentar situações. Este procedimento exige esforço e atenção e faz com que o indivíduo realize uma ação adaptada à determinada situação.

A aquisição da competência para atuar na EAD é um desafio. Para que o professor/tutor consiga desempenhar esse papel precisa adquirir e desenvolver determinados saberes, um conjunto de competências. Assim, segundo Souza (1996), o aparato tecnológico necessário pode ser adquirido e o mais complicado seria superar comportamentos e quebrar paradigmas de procedimentos de ensino arraigados.

Para Moraes (2007) o professor tem um compromisso emergente com a construção de uma relação horizontal, recíproca, dialética e verdadeira onde o professor além de ensinar aprende e o aluno, além de aprender, ensina. Constrói-se uma autonomia intelectual deixando que o aluno proponha seus projetos.

É num processo que implica aprendizagem contínua e aperfeiçoamento constante que o professor capacita-se para atender as necessidades dos alunos e gera resultados satisfatórios.

Kenski (2004) fez um levantamento das competências necessárias ao trabalho dos professores em EAD pensando em facilitar e identificar essas competências. Elas seriam: capacidade de ter pró-atividade, capacidade de ser responsável, capacidade de auto-motivação, capacidade de persistir em seus objetivos, capacidade de agir com criatividade, não atrasar a correção de atividades, usar o tempo de tutoria de forma apropriada, capacidade de ser assertivo, capacidade de empatia com seu alunos, ter bom domínio da linguagem escrita, usar linguagem profissional e adequada ao nível do curso, usar vocabulário compatível com sua função de educar, capacidade de encarar positivamente os desafios, capacidade de dedicar-se e comprometer-se com o trabalho e com as pessoas, demonstrar capacidade lógica de análise e síntese do conteúdo do curso, capacidade de buscar e interpretar as informações disponibilizadas no curso, capacidade de interpretar os textos escritos do curso, capacidade de estabelecer comunicação oral e escrita e entender os questionamentos e as pessoas

compreendem o que quer dizer, escrever mensagens de forma concisa e personalizada.

Precisa ainda: planejar atividades diferenciadas ligadas aos conteúdos do curso, apresentar alternativas para os participantes visando aprofundar os conteúdos do curso, ter conhecimento pedagógico de tipo real, especialmente no que diz respeito às estratégias e à organização da classe e administrar o conteúdo programado para a disciplina (KENSKI, 2004).

O professor/tutor deve conhecer as formas e facilidades de acesso à Internet. (sites de busca, sites de pesquisa, acesso a textos e revistas especializadas etc.) que podem auxiliar os participantes na compreensão dos conteúdos do curso. Saber pesquisar, navegar e produzir conhecimento do aprendizado adquirido por meio da Internet, para provocar e colocar à disposição do aluno maiores situações de aprendizagem (KENSKI, 2004).

Ser hábil no uso do teclado (velocidade e correção na escrita) – A digitação rápida é necessária, assim como o ato de escrever na lousa. Saber usar o editor de texto e a planilha de cálculo – Saber utilizar programas utilitários que melhorem e complementem o seu trabalho, como planilha de notas, controle de atividades, digitação de textos e avaliações (KENSKI, 2004). Saber usar acessórios e periféricos básicos do computador, bem como os mecanismos de comunicação pela internet (MSN, Skype e compatíveis) – Ter capacidade de utilizar, instalar componentes, ligar e desligar equipamentos.

Em nível de usuário, o professor/docente tem que ter conhecimentos, para poder em sua própria casa desenvolver seu trabalho, ou em suas aulas oferecer suporte aos alunos. Saber para quem encaminhar os problemas técnicos apresentados pelos participantes, quando não conseguem resolver (KENSKI, 2007). Conhecer as ferramentas e possibilidades do ambiente educacional virtual do curso e interagir com os participantes por e-mail e demais ferramentas disponíveis no ambiente educacional. O professor/tutor precisa ter consciência da função de cada ferramenta e o que ela pode proporcionar no processo de aprendizado (KENSKI, 2004).

Ser cortês e respeitável conseguindo manter uma postura simpática e de respeito na comunicação escrita. O professor/tutor não pode perder a paciência. Deve sempre ter habilidade de conduzir a classe para o estudo lembrando-se sempre das regras de etiqueta virtuais (KENSKI, 2004).

Ser capaz de responder dúvidas de forma pertinente, clara e objetiva – Esta competência tem referencia a muitas outras, pois o docente ao ter habilidade de responder de forma clara e objetiva, deve se expressar de forma positiva, ter responsabilidade, responder no prazo correto, objetivando o aprendizado (KENSKI, 2004).

Ter facilidade para se relacionar, comunicar e conversar pela Internet – Esta competência é ambígua, pois se o professor/tutor pode ser extrovertido ou não na forma de se expressar presencialmente, virtualmente há essa possibilidade. Segundo a necessidade da instituição esta competência deve ser analisada mais fortemente (KENSKI, 2004). Ter capacidade de incentivar e trazer os não-participantes de volta ao ambiente do curso. Ter capacidade de incentivar os participantes a apresentarem suas contribuições – O controle de evasão é uma responsabilidade que também cabe ao professor/tutor e pesquisas apontam que o vínculo formado entre o professor/tutor e o aluno e o feedback sem atraso e o interesse do professor/tutor provocam efeito positivo (KENSKI, 2004).

Ser capaz de criar vínculo com o aluno e com a comunidade virtual desenvolvendo formas de comunicação com os participantes para evitar que eles se sintam sós. A modalidade de Educação a Distância em alguns momentos é definida como uma modalidade solitária. O professor/tutor precisa estimular os vínculos e provocar a comunidade e a parceria entre alunos e entre professor e alunos (KENSKI, 2004).

Conseguir estabelecer e criar com os participantes um ambiente propício para o aprendizado e a troca de informações entre todos. Conseguir criar e manter com os participantes uma comunidade on-line útil e relevante. Envolver os alunos em um ambiente sério e motivador (KENSKI, 2004).

Ser capaz de gerenciar conflitos. Conseguir administrar os conflitos que ocorrem nos cursos. Saber quando deve intervir nos conflitos e quando é melhor voltar atrás . É Importante a necessidade de organizar e manter o controle da classe sob sua responsabilidade, influenciando por meio do ambiente virtual (KENSKI, 2004).

Ter a capacidade de trabalhar em equipe, respeitando as ideias dos outros. Respeitar as ideias apresentadas por outros professor/tutor e pela equipe EAD. Não ter problemas nas relações com os demais membros da equipe de professores/tutores dos cursos a equipe EAD. Ter capacidade de colaboração e

espírito de equipe. Ter capacidade de colaborar com os professor/tutor e coordenadores da instituição. Manter um fluxo de comunicação com seus superiores (KENSKI, 2004).

Ter facilidade em trabalhar em equipe é uma competência em evidência nos dias de hoje, pois a maioria das empresas procuram esta habilidade em seus funcionários. Ao trabalhar em equipe o indivíduo participa e colabora com o mínimo de conflitos (KENSKI, 2004).

O professor/tutor deve saber abordar os conteúdos com respeito e etiqueta utilizando-se da forma escrita. Ele precisa ter contato prévio com as regras de etiqueta na internet uma vez que as mensagens eletrônicas, enviadas num "mundo virtual", se tornam reais porque vão ser recebidas e lidas por outras pessoas que reagem ao que recebem como se a comunicação fosse "cara a cara". O que se escreve no ciberespaço revela crenças, valores e até preconceitos o que torna fundamental o domínio das regras de bom comportamento do mundo digital.

Quando se pensa, portanto, nas competências do professor na EAD, faz-se pertinente considerar as regras da Netiqueta. Castro (1997) lista algumas dessas regras:

- a) ao enviar uma mensagem, através de uma caixa de correio eletrônica, o campo referente ao "Assunto" ou "*Subject*" deverá sempre ser preenchido e de forma objetiva, facilitando assim ao destinatário a gestão do seu correio;
- b) caso seja enviada uma mensagem longa, poderá avisar-se logo na linha de assunto. Exemplo: "Trabalho de História (msg longa)";
- c) se utilizares sistemas que já acrescentam automaticamente assinaturas às mensagens que são enviadas, a assinatura a inserir deverá ainda ser mais reduzida;
- d) a escrita com recurso apenas a letras maiúsculas equivale a gritar e apenas dever ser utilizada em títulos e avisos urgentes;
- e) para expressar as emoções utilizam-se ícones formados por dois pontos, ponto e vírgula, parêntesis, letras... reproduzindo emoções e formando os chamados "risonhos" (ou *smiles*);
- f) pensar duas vezes antes de "Enviar": A palavra emitida é uma flecha desferida: não pode ser revertida;

- g) ser tolerante com deslizes alheios e, se houver espaço e oportunidade para tal, sinalizar de forma elegante à esse alguém que esteja agindo de maneira inadequada;
- h) ser gentil, respeitoso e responsável.

Moore (2007) descreve, em sua concepção sobre a distância transacional, que mais do que estar perto, os alunos precisam sentir a presença do professor/tutor. A distância geográfica que tem de ser ultrapassada por professores, alunos e instituições educativas de forma a que ocorra um processo de aprendizagem eficaz, deliberado e planejado. Um bom professor/tutor então precisa promover a estimulação do seu grupo de alunos, proporcionar apoio que o aluno necessita, dependendo dos métodos utilizados pela instituição. Um professor/tutor competente e motivado na função proporciona a adequação aos propósitos pedagógicos, controlando em diversos aspectos o seu grupo.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa, uma vez que ela oferece possibilidades básicas para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os fatores sociais e sua situação, como também uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas, em contextos específicos. (BAUER; GASKELL, 2007).

A pesquisa qualitativa é descritiva e permite a caracterização de pessoas, situações, acontecimentos, sendo que o pesquisador é o instrumento-chave para a pesquisa e o processo e seu significado são os focos principais (GIL, 2009).

Uma pesquisa qualitativa pode ser caracterizada, conforme Minayo (2001) como aquela em que “(...) o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Na pesquisa qualitativa verifica-se uma relação dinâmica entre o sujeito e o pesquisador. Existe um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (MINAYO, 2001). A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (LAKATOS et al, 1990).

Oliveira (2002) contribui, afirmando que método é um conjunto de regras ou critérios que servem de referência no processo de busca da explicação ou da elaboração de previsões, em relação a questões ou problemas específicos..

3.1 Participantes

Para participar da pesquisa foram escolhidos por sorteio alunos de pós-graduação do curso Educação: métodos e técnicas de ensino do Polo de Foz do Iguaçu. Após a autorização do coordenador do polo, foi enviado um e-mail para os

alunos matriculados no curso esclarecendo os objetivos da pesquisa e convidando-os a participarem. (Apêndice C). A entrevista foi desenvolvida com a participação de 10 estudantes deste curso de pós-graduação na modalidade de ensino a distância. Dos alunos entrevistados, 80% eram professores, uma aluna era secretária de colégio e outra era pedagoga. 70% são mulheres. 80% moram no município de Foz do Iguaçu. Uma aluna mora em Itaipulândia e um aluno em Cascavel.

Este curso atende alunos de cinco polos: Paranavaí. Nova Londrina, Umuarama, Goioêre e Foz do Iguaçu. Os alunos que participaram desta pesquisa eram do polo de Foz do Iguaçu.

Os alunos vinculados ao polo no município de Foz do Iguaçu constituíam-se em um público essencialmente adulto, em fase economicamente ativa e são casados. Com relação aos dados socioeconômicos, 56,8% possuem a renda salarial de quatro salários mínimos, revelando o atendimento a um público de baixa renda. O fato de a maioria residir no município é justificado, em parte, pela necessidade de o aluno frequentar o polo para fins de grupos de estudos, videoconferência, encontros presenciais com o professor da disciplina e avaliações. O número de desligamentos de alunos por evasão, reprovação e desistência é no total geral de 18% e, de acordo com os registros do polo, as principais causas são: a não adaptação à metodologia utilizada pela Educação a Distância, haja vista que 60,3% nunca realizaram curso nessa modalidade, acúmulo de atividades profissionais, pessoais, problemas familiares e problemas de saúde.

3.2 A Educação a Distância na Universidade Pesquisada

A missão da educação a distância na UTFPR é atuar como um agente de inovação dos processos de ensino-aprendizagem possibilitando o acesso à educação pública de qualidade. A EAD na universidade pesquisada faz parte do programa UAB e conta com o apoio de uma equipe onde cada membro tem uma atribuição específica.

As atribuições do professor pesquisador que os alunos entrevistados se referem são:

Coordenar os trabalhos da tutoria presencial e à distância, relativa à disciplina sob sua orientação; Participar do processo de seleção de tutores presenciais e à distância da área, organizando a capacitação dos tutores no conteúdo da disciplina, com base no material didático; Organizar, em conjunto com a

coordenação do curso palestras e seminários nos polos destinados a alunos e tutores; Realizar visitas periódicas aos pólos para reuniões de acompanhamento e avaliação com tutores nos polos; Realizar a correção e revisão de provas, trabalhos e outras atividades presenciais e a distância que compõem o sistema de avaliação da aprendizagem definido pela coordenação do curso.

Para a realização dos cursos de pós-graduação da universidade pesquisada usa-se a plataforma moodle que oferece muitos recursos para a elaboração das disciplinas. Utilizar o moodle não é uma tarefa difícil. É uma plataforma extremamente intuitiva e fácil de usar. Na plataforma o aluno encontra a atividade “lição” que é usada para construir uma aula virtual tendo a seguinte estrutura básica:

Página com painel de navegação (índice da lição); Página com conteúdo e questão;

Fim de seção e Fim da lição.

3.3 Instrumentos

Na realização de uma pesquisa, segundo Oliveira (2002), depois de definidas as fontes de dados e o tipo de pesquisa, devemos levantar as técnicas a serem utilizadas para a coleta de dados, destacando-se: questionários, entrevistas, observação, formulários e discussão em grupo entre outras.

Nesta pesquisa, a entrevista foi utilizada como técnica de coleta de dados. A técnica serve para registrar e quantificar os dados observados, ordená-los e classificá-los. A técnica específica como fazer (OLIVEIRA, 2002).

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas abertas que segundo Rudio (2003) é um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho.

Na concepção de Minayo (2001), a entrevista é como uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a esse objetivo.

As entrevistas são classificadas em estruturadas e semi-estruturadas. Entrevistas estruturadas são aquelas nas quais as respostas estão fechadas em possibilidades de respostas pré-determinadas. Quanto a entrevista semi-estruturada

Mucelin (2006, p. 101) considera como: [...] aquela em que o entrevistador (pesquisador) organiza as questões sobre seu objeto de estudo, oferecendo condições para que o entrevistado possa expressar seu ponto de vista sobre a temática, sem que necessariamente tenha que escolher uma resposta pré-elaborada, fechada.

Em estudos efetuados por Triviños (1987), é apresentado o conceito de entrevista semi-estruturada: [...] aquela que parte de certos questionamentos apoiados em teorias e hipóteses que interessem à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987). Conforme afirma o autor, a entrevista semi-estruturada mantém a presença atuante do pesquisador e permite a relevância na situação do ator e isto favorece a descrição dos fenômenos sociais, a explicação destes e a compreensão de sua totalidade.

Para Santo Filho (2007), a entrevista semi-estruturada pode ser focalizada, e partir de questões estruturadas nas quais o entrevistador explora aspectos em maior profundidade. As entrevistas de nossa pesquisa foram realizadas com dez alunos, em espaço cedido pela coordenação do pólo de Foz do Iguaçu nas dependências do polo.

O modelo de entrevista estabelecido (Apêndice A) foi desenvolvido pela pesquisadora e as respostas registradas com anotações feitas pela pesquisadora para que permitisse a análise detalhada desta importante técnica de recolha de dados. O roteiro de entrevista semi-estruturada da pesquisa contemplou variáveis qualitativas. As informações coletadas com os entrevistados permitiram percepções de determinados objetos de estudo pesquisados fossem caracterizadas.

3.4 Coleta de dados

As entrevistas se realizaram no mês de fevereiro de 2013. A aplicação do instrumento foi individual, em dia e horário previamente agendados pelo coordenador do polo. No momento da coleta de dados, foi entregue e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram realizadas em mais ou menos trinta minutos com cada participante. Não foi autorizada pelo coordenador do polo a gravação das entrevistas. As respostas ao roteiro de entrevistas e os diálogos das entrevistas foram registradas na íntegra e submetidos a análise de conteúdo, como preconiza Bardin (1977).

3.5 Procedimento de análise dos dados

O tratamento dos dados foi feito por meio da Análise de Conteúdo.

Segundo Bardin (1977, p.42), pode ser definida como: “um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Essa abordagem é aplicada a discursos diversificados, pois é definida como conjunto de instrumentos metodológicos mais sutis e em constante aperfeiçoamento. Conforme Gil (1999), os dados coletados devem passar pela fase de análise e interpretação, sendo estes processos conceitualmente distintos e extremamente relacionados.

Nesse conjunto de técnicas de análise de conteúdo, a técnica mais antiga e mais utilizada é a análise por categorias, funciona por desmembramento do texto em unidades, em categorias, seguindo reagrupamento analógico. Essa categorização é uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo analogia, com critérios previamente definidos. Essas categorias são rubricas ou classes, reunidas num grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico. Esse agrupamento é em função dos caracteres comuns dos elementos (BARDIN 1977).

Com o agrupamento das respostas foi elaborada a definição das categorias. As informações obtidas foram agrupadas conforme suas peculiaridades buscando encontrar padrões de inferência.

Os dados foram analisados a partir de cinco categorias: concepção de afetividade, características de um professor afetivo, contribuição do professor afetivo

para a EAD, relação afetiva entre professor e aluno na EAD e mudança na visão do aluno sobre o professor após contato pessoal.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir colocaremos em discussão cada uma das cinco categorias. As categorias foram recortadas pelos temas expostos abaixo.

4.1 Conceção de afetividade

O conteúdo da primeira categoria revelou que a definição de afetividade dos participantes está associada a sentimentos como carinho, cuidado e atenção entre as pessoas.

Algumas das respostas destes alunos da EAD são apresentadas abaixo.

“Afetividade na educação é disponibilidade, tempo para atender os alunos”;

“Afetividade é dar atenção”;

“Afetividade é gentileza ao responder as mensagens”;

“É ter consideração com os alunos respondendo logo as mensagens”;

“Capacidade de responder as dúvidas se preocupando em sanar as dificuldades”;

“É elaborar textos com teor afetivo lembrando os alunos das atividades e demonstrando que se importa com a aprendizagem deles”;

“Manter contato de maneira rápida através de palavras sutis e amenas”.

Pode-se afirmar que os participantes do estudo apresentaram definições de afetividade que corroboram as idéias de Cabral e Nick (1999). Para esses teóricos afetividade é um termo utilizado para designar e resumir não só os afetos em sua acepção mais restrita, mas também os sentimentos ou matizes sentimentais de agrado ou desagrado. Ao mencionarem descritores como consideração, gentileza e atenção os alunos da EAD entrevistados concordaram com estes autores.

Os alunos entendem que a afetividade é uma atitude, uma vontade, uma disposição que o indivíduo tem para amar, respeitar, valorizar e compreender o outro. Nessa instância, são percebidas aproximações com o que afirma Toro (2002). Para o autor, a afetividade é um estado de afinidade profunda entre os seres humanos. Na interação com o outro os seres humanos intensificam suas relações consigo mesmo.

Na obra de Wallon (1995) é de grande realce a Teoria das Emoções, sendo que, emoção para ele é a exteriorização da afetividade, um fato fisiológico nos seus elementos motores e humorais e, concomitantemente, um comportamento

social em seu papel de adaptação do ser humano ao seu meio. Na perspectiva genética de Henri Wallon (1986), afetividade e inteligência estão associadas: o desenvolvimento da afetividade está sujeito às construções desempenhadas no plano da inteligência, do mesmo modo como o desenvolvimento da inteligência está condicionado às construções afetivas.

Almeida e Mahoney (2007), por sua vez, salientam que, de acordo com a teoria Walloniana, afetividade diz respeito à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado por sensações agradáveis ou desagradáveis pelo mundo externo/interno. A teoria distingue três marcantes momentos, sucessivos na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Entende-se, assim, que o aspecto afetivo apresenta uma dimensão muito mais ampla, que é intrínseco ao desenvolvimento do indivíduo e, como tal deve ser tratado como elemento de suma importância ao desenvolvimento do indivíduo e à formação educativa. Roney (2002) diz que emoção é um movimento de dentro pra fora e o modo de comunicar estados internos.

Wallon diz que a emoção é a expressão da afetividade, um estado fisiológico (ALMEIDA, 1999).

Barros (2004) diz que a aprendizagem surge da existência de um clima afetivo. Por isso é muito importante na EAD a constituição de interações autênticas, por um educador que está sempre se esforçando para perceber os sentimentos dos alunos e fazer com que os mesmos tenham confiança em si próprios e força para dirigir seu próprio aprendizado. Como a aprendizagem é influenciada por emoções e sentimentos o clima deve ser positivo com uma afetividade positiva mediando à relação.

Roger (1977) considera importantíssimo na educação atitudes de confiança, motivação, afetividade, despertando um ensino auto determinado que envolva sentimento e inteligência.

Quando o aluno diz que:

“Afetividade é gentileza ao responder as mensagens”;

Ele está sentindo que o professor está tentando seduzi-lo. Sendo gentil em responder, tendo boa vontade e querendo conquistar o aluno. Codo e Gazzotti (1999) definem a palavra seduzir como “trazer para o seu lado”. Isto quer dizer que o professor precisa fazer um trabalho de conquista, levando o aluno a confiar nele, a

acreditar que determinado conteúdo lhe será útil. A afetividade está ligada a sedução que foi sentida pelos alunos.

4.2 Características de um Professor Afetivo

Em relação à segunda categoria que fala das características de um professor afetivo que leciona na pós-graduação os participantes enfatizaram o respeito recíproco. Também citaram: carinho, paciência, cuidado, dinamismo, atenção, consideração, bom humor, responsabilidade. Os entrevistados descreveram algumas características do professor afetivo que contribuiriam para a aprendizagem, entre as quais, proximidade, afetuosidade, segurança, paciência, compreensão, humildade, empatia, respeito, autoconfiança, ter abertura as críticas e ao diálogo. Seguem algumas respostas dos entrevistados relevantes para a pesquisa.

“É muito importante na EAD o professor corrigir as atividades comentando as respostas dos alunos;



















“O professor afetivo não só corrige, ele elogia e complementa a resposta”;

“O professor afetivo reserva tempo para um bate papo informal no chat, ele dá valor ao bom relacionamento e gosta de contato com seus alunos”;

“Ele quer conhecer o aluno e tem amor pela docência”.

Segundo Wallon (1986), a educação é fundamentalmente um ato social e, como todo e qualquer ato social abrange a relação com outros indivíduos. As relações humanas são próprias das relações de afeto, seja esse afeto voltado para o carisma, o bem, o gostar ou para o mal, o desagradável e ruim. Para ele, a afetividade é uma esfera funcional, cujo desenvolvimento é subordinado à ação de dois fatores: o orgânico e o social. Quando o professor comenta as respostas dos alunos, ele está indo além, está demonstrando afeto. Está demonstrando ter competência para a EAD.

Um aluno disse na entrevista que gostava quando o professor usava emotions. Nos textos da plataforma moodle, utilizada neste curso, é permitido e indicado o uso de emotions. Abaixo estão os códigos que se pode inserir em chats, tarefas, etc.

 sorriso	: -)	 triste	: - (
 boca aberta	: - D	 tímido	8 - .
 piscando	; -)	 corado	: - I
 perplexo	: - /	 beijo	: - X
 pensativo	V - .	 bufão	: o)
 mostrando a língua	: - P	 olho roxo	P -
 maneiro	B -)	 zangado	8 - [
 aprovo	^ -)	 morto	xx - P
 virando os olhos	8 -)	 sonolento	- .
 surpreso	8 - o	 diabólico	} -]

Nos estudos de Ribeiro (2005), o professor afetivo tem algumas características que são: ser humano, seguro, afetuoso, compreensivo, humilde, confiante, próximo, e aberto às críticas e ao diálogo.

Nesta pesquisa podemos observar que os entrevistados têm a mesma opinião quando dizem: “O professor tem como característica a responsabilidade, domínio do conteúdo, respeito com o aluno e prepara boas aulas”.

Moraes (2007) destaca que podemos sempre potencializar o que há de mais positivo em nós mesmos; não contaremos coisas divertidas em sala, mas podemos preparar bem nossas aulas; não mostraremos uma proximidade afetiva que não está em nós, mas podemos tratar todos com respeito o tempo todo.

A afetividade é demonstrada pelo professor quando ele se preocupa com seu aluno. A afetividade e a cognição andam juntas. Sendo assim, os professores devem se envolver afetivamente com seus alunos para que a aprendizagem seja facilitada.

Então o professor tem que ter características afetivas em prol de sua profissão. O afeto não significa acomodação e sim uma intrínseca conexão da razão e emoção, ideia de Wallon (1986).

Conforme Barros (2004), a instituição de uma atmosfera afetiva positiva acarreta ao educando facilidade na produção intelectual, ganho de autoconfiança, crença valorativa, lucro na criatividade e realização de atividades, além de atitudes apreciativas e serenas para com o professor permitindo aproveitamento significativo.

Baseando-se numa perspectiva a partir de Wallon, a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento pelas pessoas. Para Wallon (1986) a afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano.

Fica destacada nesta pesquisa a necessidade de se ter como característica de um professor afetivo um conjunto de fenômenos psicológicos que são expressos sob a forma de emoções, sentimentos e paixões relacionadas a prazer/dor, satisfação/insatisfação, agrado/desagrado, alegria/tristeza no processo de ensino e de aprendizagem.

Afetividade e cognição precisam com urgência estar mutuamente envolvidas.

4.3 Contribuição do Professor Afetivo para a EAD

Quanto à terceira categoria, a contribuição da afetividade na EAD, os alunos disseram que o professor afetivo tem comprometimento com a aprendizagem e sabe que a afetividade é importante e imprescindível. Quando o professor é afetivo sabe dar valor ao diálogo, sabe ouvir o aluno, acolhe o aluno no início do curso e acompanha o aluno durante todo o curso.

“O professor se dedica na escolha dos conteúdos”;

“Ele contribui para melhorar o relacionamento com seus alunos”;

“O professor afetivo tem mais respeito, dedicação e ajuda mais o aluno da EAD”;

“São mais gentis e disponíveis”;

“Os professores ficam atenciosos e respondem as mensagens prontamente”.

De acordo com Dantas (1992) em cada ação positiva, como na preocupação de fazer o melhor para o aluno, consta o componente permanente chamado afetividade, reveladas nas relações afetivas pessoais e sociais da educação.

Fica claro que quando o professor é afetivo o rendimento do aluno é facilitado. Com interação entre professor e aluno síncrona ou assíncrona o aluno fica mais motivado e o feedback do professor auxilia o aprendizado. “Estruturalmente, a

interatividade é um circuito de mensagens que flui de uma entidade originadora a uma entidade-alvo e, então, retorna à entidade originadora” (YACCI, 2000). O retorno é uma condição necessária para a interação. A interatividade deve ser analisada na EAD do ponto de vista do aluno. Ficou claro nas respostas dos alunos o efeito negativo da demora do feedback por parte dos professores. Os alunos ficam sem interesse em ler o que o professor escreveu e parece que a interação não se completa.

Se o professor responde prontamente às mensagens dando feedback aos alunos com afetividade então se dá uma interação positiva na EAD. O professor/tutor deve ter a capacidade de dar um feedback que satisfaça as necessidades do aluno. Gonzalez (2005) diz que o professor/tutor precisa seguir algumas competências para desenvolver de forma consistente suas atribuições. Então o professor/tutor, em seus comentários devolutivos, deve evitar, ao máximo, expressões que possam conter carga negativa ou depreciativa. Silva (2006) diz que o maior impedimento para a interação professor e aluno é um sistema em que impera a alienação do professor em relação ao aluno e do aluno em relação ao conteúdo.

Os entrevistados também citaram a importância de o professor diferenciar o aluno a distância do aluno presencial. Um deles disse:

“O professor sabe que o aluno da EAD não tem muito tempo para estudar”

Os alunos pensam que os estudantes de um curso a distância têm menos tempo para estudar porque ocupam diversas atividades durante o dia com trabalho ou outras tarefas e tendo um professor afetivo o mesmo vai entender isso e exigir menos deles. Eles consideram que o professor deveria entender que o aluno do ensino a distância trabalha o dia todo e já está muito cansado quando liga o computador e vai estudar. Mas a modalidade não presencial requer dedicação especial do aluno. Uma de suas regras é a disciplina para conseguir incorporar ao seu tempo o estudo proposto. Não é certo pensar que tem que estudar menos porque é a distância. Muito pelo contrário. EAD é para quem tem tempo para estudar. O aluno da EAD torna-se um sujeito ativo no processo de ensino e de aprendizagem gerando maior autonomia no processo educacional. Se algum aluno pensa que estudar a distância não requer muita dedicação, equivoca-se. Uma das regras principais é disciplinar o tempo para conseguir se incorporar ao estudo. A autonomia que se ganha faz com que cada um se responsabilize mais ainda por seu

próprio aprendizado. A inexistência de um horário determinado previamente de estudo deve obrigar o aluno a montar um programa de atividades para se dedicar aos estudos. É necessário muito compromisso, constância e motivação por parte do aluno e muita seriedade na entrega do que se espera a cada etapa, assim como realizar as atividades sugeridas no prazo determinado para não diminuir a interatividade da aprendizagem. Esta compreensão é importante para os alunos, eles precisam ter consciência disto. O professor que faz uso da afetividade no desenvolvimento de suas atividades de ensino ajuda o aluno a perceber que ele precisa planejar seu tempo de dedicação aos estudos na EAD.

Freire (1988) aponta que o bom professor é o que consegue, enquanto fala (enquanto escreve na EAD) trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

A prática pedagógica deve sempre prezar o bem estar do educando. Quando o educador consegue entender o poder da afetividade e o bem que a mesma traz, mais e mais alunos aprenderão com maior facilidade e gosto e, acima de tudo, mais e mais professores afetivos passarão pela vida de nossos educandos deixando suas marcas positivas.

Não precisa diminuir ou modificar os conteúdos e sim adequá-los ao ensino a distância. Para os entrevistados a afetividade também contribui para que o professor re faça seu planejamento elaborando aulas mais interessantes. Alguns alunos disseram haver professores que passavam muitos textos e poucos exercícios. Muita leitura e pouca diversidade nas atividades. *“Às vezes dava sono”*.

Eles pensam que a afetividade deveria contribuir para um relacionamento melhor com os alunos onde os mesmos pudessem ter mais liberdade de expressão com os professores e até propor aulas e textos mais interessantes.

A educação irá adquirir um status mais importante quando oferecer essas inúmeras possibilidades de aprendizagem simultaneamente, quando houver atividades diversificadas e eletivas num curso e quando superarmos a programação metódica de leitura e atividades mecânicas que a caracterizam até o presente momento (MOURA 2009).

Os professores devem ter dedicação e carinho para com a profissão. O professor necessita perceber as dificuldades dos alunos e se colocar a disposição

para ajudá-los. Com o objetivo de desenvolver sua competência afetiva o professor deveria estimular seus alunos pelo seu próprio prazer de ensinar provocando encontros e trocas afetivas e também instigando os trabalhos em grupo e a participação de todos nas decisões.

Na EAD a afetividade se faz ainda mais importante por ser diferenciada a modalidade de educação. O aluno está distante fisicamente mais ficará muito próximo intelectualmente se existir afeto nas relações.

A afetividade na EAD permite que o professor seja humilde ficando num mesmo plano de aprendizagem que o adulto aprendente. O professor não prejudica o aluno com uma educação tradicional onde o aprendente fica num plano inferior de dependência.

A afetividade contribui para a EAD na medida em que faz fluir a interatividade. Quando os alunos dizem que os professores são gentis, dedicados e atenciosos, estão valorizando a afetividade e a interação. Nos cursos a distância a atenção deve sempre estar voltada para se manter os níveis de interatividade nas diferentes atividades realizadas.

A afetividade vem contribuindo positivamente na educação a distância. Quando o aluno diz:

“É muito importante na EAD o professor corrigir as atividades comentando as respostas dos alunos”.

Então é muito importante para o aluno que a aprendizagem na EAD tenha significado e sentido.

O professor/tutor é responsável por acompanhar, orientar, estimular e provocar o estudante a construir seu próprio saber. Ele é um elemento central no processo educacional e, por tanto a qualidade de seu trabalho é primordial.

O professor afetivo na EAD entende que a afetividade se manifesta na relação professor e aluno e que não há como separar as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico das pessoas.

4.4 Relação Afetiva entre Professor e Aluno na EAD

A quarta categoria aponta o que pensam os participantes sobre a relação afetiva entre professor e aluno na EAD. Cultivar a afetividade é fundamental em qualquer relação.

Em uma das perguntas primeiramente os sujeitos da pesquisa deveriam responder se existia ou não uma relação afetiva entre professores e alunos. 70% responderam que sim, 10% responderam que não, 10% responderam que não sabiam e 10% responderam que existia pouca afetividade. Os que responderam sim justificaram suas respostas dizendo que os professores eram afetivos quando se comunicavam com uma linguagem clara, paciente, carinhosa, sem ofensa e demonstrando vontade de ajudar o aluno. As relações melhoravam muito quando as respostas vinham com rapidez. O professor manifestava afeto quando participava e acompanhava o crescimento do aluno. Os alunos disseram:

“Quando o professor demonstra interesse em ajudar o aluno a relação entre os dois fica ótima;

Will (2006) recomenda que o professor/tutor tenha paciência com os alunos e colegas e cultive o movimento de empatia e simpatia. A dedicação precisa ser contínua.

“Os professores nos tratam com educação através das mensagens”;

Esta expressão demonstra que os professores se preocupam com os alunos e fazem uso da netiqueta.

Will (2006) diz que o professor/tutor deve ter clareza na exposição de idéias, buscar sempre melhorar a redação e ter objetividade nas suas explicações e orientações.

“Sinto que eles se preocupam com as observações que vêm junto com a nota”;

“Através dos lembretes, recados, comentários e mensagens os professores se relacionam muito bem com os alunos”;

“Quando os professores respondem rapidamente nossas mensagens eles estão demonstrando interesse e afetividade nas relações”.

Sendo assim no relacionamento entre professor e aluno é recomendável que tenha amizade, respeito mútuo, troca de solidariedade, não aceitando de maneira alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo e a raiva. Portanto, o fato desses professores estarem sempre dispostos a atender os alunos e tirar as suas dúvidas na plataforma utilizada, faz com que eles busquem contribuir com esta relação positiva, dando retorno aos alunos a partir do cumprimento das atividades sugeridas, o que, por sua vez, possibilita uma experiência prazerosa na aprendizagem.

Almeida e Mahoney (2005) dizem que o professor fica como um modelo na forma de relacionar-se, no jeito de falar e ouvir; como expressa os seus valores e como resolve os conflitos. Na aula, é o mediador do conhecimento e, por conseguinte, o ponto de referência dos alunos. Por isso que no exercício da função o docente deve ver os alunos não apenas como indivíduos que necessitam obter conhecimentos específicos sobre determinadas disciplinas, mas como indivíduos que precisam de atenção, orientação, conselho, compreensão e, acima de tudo, carinho. Também é a forma como o professor se relaciona que conduz à forma como o aluno se relacionará com o conhecimento e com os colegas.

O aluno que respondeu que não existia relação afetiva disse que era porque tinha que esperar muito tempo pela resposta do professor e sentia como se o professor deixasse por última atividade do dia o curso da EAD. O aluno disse:

“O professor demora em responder e escreve pouquinho”.

Inclusive o entrevistado citou que uma das justificativas do professor da demora em responder o aluno foi de que estaria muito ocupado com o ensino presencial. Isto não deveria acontecer. Will (2006) dá algumas dicas para que isso não aconteça. Ele diz que o aluno do curso a distância precisa de muita atenção e o desenvolvimento de atividades pedagógicas na EAD merece reflexão para tomada de consciência coletiva dos problemas a serem evitados.

O aluno entrevistado que afirmou ser pouca a relação afetiva justificou sua posição dizendo que os tutores têm mais contato com os alunos do que os professores e que ele achava que os professores também deveriam participar dos fóruns. Neste curso trabalham professores e tutores. Os professores são responsáveis pelos conteúdos e os tutores corrigem algumas tarefas e os fóruns.

Fica acertado que para os alunos a relação afetiva facilita a aprendizagem e é importante em qualquer idade.

Embora o desenvolvimento humano na teoria Walloniana seja descrito até a adolescência, Wallon (1986) afirma que esse desenvolvimento não termina nesse momento, pois "a constituição do "eu" é um processo que jamais se acaba: o outro interior, ou fantasma do outro, vai acompanhar o "eu" durante toda a vida". (NASCIMENTO, 2004 p. 56). Portanto, podemos afirmar que a afetividade constitui um fator de importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção. Nesse sentido, é essencial que

o professor de pós-graduação também esteja envolvido nesse processo, considerando a afetividade como parte do desenvolvimento, buscando a formação integral dos estudantes para que os mesmos tenham uma vivência positiva da aprendizagem.

Caberá ao professor articular os aspectos afetivos e cognitivos, pois, como afirmam Leite e Tassoni (2000), em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, a afetividade está presente: na escolha dos objetivos de ensino, no ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem, na organização dos conteúdos, nos processos e atividades de ensino e nos procedimentos de avaliação, constituindo-se como fator fundamental das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos, na mediação com o professor.

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, os alunos mostram-se seguros, constroem uma auto-imagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar o curso, contribuindo para seu fracasso. No caso da EAD é muito importante o bom relacionamento por ser esta uma modalidade nova de ensino. Os alunos da pós-graduação geralmente têm um currículo de cursos presenciais e no começo do curso enfrentam uma adaptação ao ensino a distância necessitando muito da ajuda e do interesse do professor para encarar suas dificuldades iniciais e continuar no curso. Alguns alunos precisam se familiarizar com os novos recursos tecnológicos usados na EAD e o incentivo do professor faz a diferença. O professor precisa ser afetivo.

Durante as entrevistas sete alunos disseram que a principal e a mais importante atitude afetiva seria a atenção que o professor dá ao aluno. Eles disseram:

“Afetividade é quando o professor me dá atenção”.

Segundo Libâneo (apud RODRIGUES, 2010), os aspectos sócio-emocionais cooperam para a relação professor-aluno. Esses, de acordo com o autor, referem-se aos vínculos afetivos entre professor e alunos, bem como às normas e exigências objetivas que regem o procedimento dos alunos.

Vale ressaltar que a afetividade a qual o autor assinala não se refere ao carinho do professor para com determinado aluno. Mas uma afetividade voltada para a relação do professor em relação ao contexto grupal, de forma que o professor adote uma postura afetiva e positiva com o mesmo, onde exerça sua autoridade e não autoritarismo.

Esta atenção no ensino a distância é a disposição e tempo para ajudar o aluno na adaptação desta modalidade. O aluno precisa se organizar de maneira diferenciada do ensino presencial e geralmente como ele faz seu próprio horário de estudo o professor precisa incentivá-lo permanentemente.

Pode-se afirmar que as decisões pedagógicas assumidas pelos docentes marcam efetivamente as condições de aprendizagem do aluno, seja de maneira positiva, como os dados dessa pesquisa demonstram, ou negativamente. Aspectos positivos na relação afetiva entre professor-aluno na EAD são importantes, uma vez que, como diz Wallon apud Nascimento (2004), as dimensões cognitivas e afetivas perpassam-se e influenciam de forma inseparável toda e qualquer atividade humana.

Cabe ressaltar, ainda, que, quando o professor provoca a participação dos alunos por meio do diálogo ou possibilita que eles se sintam à vontade, a relação professor-aluno é favorecida e, conseqüentemente, a construção de conhecimento. Afinal, ao permitir que fale, o professor favorece o confronto de pontos de vista, o possível surgimento do conflito cognitivo e sua provável superação. O fórum proporciona exatamente isto na EAD. Além disso, a afetividade que se manifesta nessa relação entre professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de aprendizagem e a própria qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento (TASSONI, 2000); uma vez que entre professor-aluno, há uma relação de pessoa para pessoa e, portanto, o afeto está presente (ALMEIDA, 1999).

Notamos pelas entrevistas que os alunos que permanecem no curso conhecem que desenvolveram vínculo afetivo entre alunos-alunos e professores-alunos, o que contribui para a vontade de continuar no curso. Rego (2002) e outros estudiosos da educação afirmam que um ambiente com clima afetivo positivo é ideal para o desenvolvimento de vínculos e um aprendizado significativo.

Perguntamos aos entrevistados se eles achavam o professor diferente depois de conhecê-lo pessoalmente. Na próxima categoria discutiremos a mudança na visão do aluno sobre o professor.

4.5 Mudança na Visão do Aluno sobre o Professor após Contato Pessoal

Na quinta categoria, mudança na visão do aluno sobre o professor após contato pessoal, 70% dos entrevistados disse que ocorre mudança sim depois de conhecer o professor pessoalmente. 20% dos entrevistados disseram que a visão do professor não se modifica e 10% responderam “às vezes”. Nas justificativas das mudanças tivemos algumas respostas como:

“É muito diferente ler as opiniões de um professor e depois conhecê-lo pessoalmente”;

“No momento da vídeoconferência sinto uma maior aproximação do professor”;

“A visão muda, não para pior, apenas muda”;

“Sim, o olhar ao vivo, o físico e a voz ouvida de perto permite um maior vínculo afetivo”;

“O contato pessoal permite diálogos mais amplos e trocas de vivências”;

“Sim, para se conhecer realmente alguém temos que nos relacionar presencialmente e interagir com ela face a face”;

“Sim, só pela forma de olhar do professor já facilita nosso entendimento”: *“Não sei por que mais a visão se transforma”.*

Os entrevistados que responderam que a visão do professor não se modificava, disseram que na EAD os professores se expressam de uma maneira bem natural como se estivessem presentes pessoalmente e que o contato presencial é muito rápido não dando para modificar nada.

Para vivermos bem em sociedade, precisamos do afeto, “o homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive” (LA TAILLE, 1992, p. 11). As relações sociais têm como base as vivências afetivas, sendo que as emoções estão presentes em todos os momentos da vida.

O entrevistado que respondeu “às vezes” disse que nem sempre a primeira impressão é a que fica e como no contato presencial às vezes a pessoa muda e às vezes não, sendo uma surpresa sempre.

As tecnologias interativas têm conquistado espaço significativo na sociedade atual. A educação a distância, faz uso dessas novas técnicas sem que se perca o foco do processo educativo: a interação e a interlocução entre todos envolvidos nesse processo (MORAN, 2005).

Essa relação imediata interativa pode se estabelecer por meio da videoconferência, pois se trata de uma tecnologia que permite aos participantes enxergarem-se uns aos outros em tempo real (síncrono), observando a plasticidade dos corpos que comunica e provoca sentimentos. Já outras tecnologias de informação e comunicação utilizadas na EAD oferecem menos espaço para que se deem essas relações imediatas.

Para Peters (2003), o conceito de distância transacional definida por Moore (2007) como a função do diálogo e estrutura entre professor e aluno, poderá ser maior ou menor, dependendo da situação educacional dos alunos. Se o aluno, ao invés de ser abandonado à própria sorte junto de seus materiais de estudo, tiver o recurso de se comunicar com os professores, a distância educacional entre eles será diminuída, independentemente da distância física. Mesmo assim, neste curso, os alunos, na sua maioria, ainda pensam que a afetividade presencial é mais bem vinda. Quando conhecem o professor pessoalmente podem perceber melhor a afetividade verdadeira porque os olhos não mentem. O corpo fala e nas mensagens não temos acesso a comunicação não verbal. As pessoas precisam de relações diretas, vis-à-vis, pois a presença do outro é o balizador principal do agir humano.

Tassoni (2000) afirma que proximidade e receptividade são importantes. Proximidade está relacionada ao deslocamento do profissional da educação para auxiliar alguma necessidade do aluno, e receptividade está relacionada a estar próximo, ter amizade, é se importar com os alunos. Sempre que o professor se aproximar do aluno demonstrando interesse, deixando claro que se importa com o que ele está executando, cria um clima de confiança gerando o aumento dos laços afetivos. Na EAD esta demonstração de interesse se dá através de mensagens na sua maioria.

Parece ser esta a razão pela qual 70% dos alunos entrevistados afirmaram que muda a visão do professor quando o conhecem pessoalmente. Esta

proximidade presencial ainda é uma desvantagem na EAD. Ela acontece muito raramente ou em pouquíssimos momentos e os alunos sentem falta deste contato físico.

Segundo Oliveira (2002) quando o aluno não progride é necessário o contato individual. Cada sujeito é singular em suas reações as influências gerais. Na EAD o professor deve ficar atento para atender essa demanda de alunos dando-lhes mais atenção mesmo que virtualmente.

Os alunos da pós-graduação são adultos e a maturidade da fase adulta traz a independência. Os adultos então fazem paralelos com experiências já vividas. As experiências do ensino presencial são tão marcantes quanto da EAD. A EAD é uma modalidade onde os alunos nem sempre sentem falta da presença física do professor. A afetividade ameniza este problema. No relacionamento afetivo com o professor, o adulto se sente acolhido mesmo que a distância. Ele gosta do jeito do professor se comunicar e consegue superar sua ausência física.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função dos dados analisados aprendemos uma lição: a mediação afetiva positiva é a ação para a cognição e um aspecto importante para a criação de um ambiente virtual ou presencial, quando possível na EAD, agradável de interações que melhoram a aprendizagem e deslumbram uma EAD de qualidade. Devido a importância da afetividade para o integral desempenho do sujeito, mostra-se necessário que tal prática seja direcionada, receba investimento e que atue de forma concomitante e determinante no processo de ensino aprendizagem.

A realização deste trabalho permitiu compreender que a afetividade presente nas interações entre professor e aluno, no processo de ensino e de aprendizagem, contribuem na aquisição do conhecimento à medida que as relações construídas conferem sentimentos de confiança e espontaneidade em ambas as partes.

A carga positiva afetiva dos vínculos construídos entre educador e educando sustenta o processo de aprendizagem à medida que possibilita o clima propício, a abertura mútua para as novas descobertas através da empatia, total confiança e sentimentos de amizade.

Ao longo da história, a educação baseou-se no controle e desenvolvimento cognitivo, isolando ou não dando tanta importância à questão do desenvolvimento afetivo.

Esta busca por discussões acerca da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem deve ser fundamentada teoricamente. O professor/tutor deve buscar mais compreensão a cerca deste assunto. Precisa entender que afetividade e cognição são indissociáveis.

A afetividade manifestada num clima de acolhimento, ternura, empatia, gosto, desejo, inclinação e compreensão enriquecem as interações e trocas, facilitando a linguagem comunicativa entre os docentes e discente promovendo o desenvolvimento de suas potencialidades de forma integral.

Tivemos durante toda a pesquisa, a preocupação em discutir a influência da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem na EAD como um elemento facilitador e motivador desse processo.

A preocupação quanto a questão da afetividade não se fundamentou só em discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, mas como um fator facilitador.

Desta forma, o estudo da afetividade, no contexto da EAD, pretendeu compreender a relação professor-aluno, permeado pela participação ativa de ambos, envolvendo acordos e desacordos.

Diante da discussão até aqui apresentada, fica clara a necessidade de construirmos uma EAD que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais a segundo plano. O procedimento educativo deve ser extenso e gerar o desempenho conjunto das funções comportamentais (psicomotor, afetivo e cognitivo), visto que é forçoso lembrar que quando o mesmo beneficia somente um dos aspectos, seguramente terá consequências que não favorecem o desenvolvimento completo dos sujeitos.

A partir dos resultados desta pesquisa percebemos a valorização que os educandos dão a expressão afetiva na EAD. Percebemos que a palavra amor apresentada em todas as entrevistas têm uma importância definitiva.

A afetividade é algo inerente ao ser humano e todo ato positivo ou negativo é carregado de sentimentos que movem o sujeito na direção de seu objetivo. Então na EAD vale salientar, que deve ser conferida especial atenção ao desenvolvimento afetivo dos alunos, pois o total funcionamento do organismo, em qualquer tempo e ocasião, abrange uma indissociável e significativa parcela de emoções e sentimentos. Esta é a importante contribuição desta pesquisa para a educação.

Podemos observar com esta pesquisa que as experiências vividas na EAD com trocas afetivas positivas fortaleceram a confiança e autonomia dos educandos. A Interação obtida neste curso em EAD não foi apenas interação professor/aluno. Cada mídia teve características interativas. A interatividade precisa ser planejada e os professores devem estar treinados e capacitados.

Como concluímos, a afetividade é um dos aspectos de maior influência no desenvolvimento do ser humano, por ser esta responsável pelo controle emotivo e por ser fruto das relações vivenciadas. A afetividade é todo o domínio das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em

contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Sem dúvida educação envolve afeto. O processo educacional transcende os muros de uma instituição de ensino. Em um mundo onde se atingiram patamares de excelência na robótica e na ciência, na evolução cibernética e na revolução da informação, não se conseguiu entender o humano, que a solução está no afeto.

A cada dia, a dimensão deste tema ganha amplitudes. Hoje a educação é, mais do que nunca, a saída para definir um futuro mais humano para as próximas gerações. O conhecimento de nossos alunos tem de processar, entre outras coisas, as novidades da Internet. O aluno precisa do humano, ser respeitado, amado, valorizado. Em um mundo onde a agressividade é absolutamente assustadora, a solução não está em mais agressividade nem armamentos modernos. A solução está no afeto. Estamos em uma época em que os valores foram deixados de lado. A criança, o jovem, o adolescente são desrespeitados, onde a liberdade dá lugar à escravidão, onde milhões passam fome e vivem a mercê de caridade dos outros. A solução está no afeto.

Observamos que atualmente os professores estão preocupados em transmitir o conhecimento científico, preparar os alunos para enfrentar a concorrência que está a cada dia mais competitiva. O que muitos professores precisam entender é que como tudo na vida muda e com uma velocidade muito rápida, a educação também mudou. Na atualidade os alunos são resultado de uma sociedade que ficou adormecida durante muitos anos e que de repente acordou, com muitíssimas informações para serem processadas muito rapidamente. Daí muito professores não se deram conta de que os alunos mudaram e não são mais aqueles seres que aceitam tudo o que o professor fala como verdade absoluta. Os alunos se tornaram críticos, eles não aceitam mais serem aqueles seres passivos que só escutam. No momento atual eles fazem questão de serem os protagonistas, querem ajudar a escrever a sua própria história. O professor do ensino a distância que não compreender essa mudança e não reformular a metodologia através de constantes cursos de formação continuada não conseguirá permanecer na educação e mais, precisa entender de gente e gostar do que faz. Como educação é vida. A solução está no afeto.

A cognição e a afetividade não se dissociam no processo de ensino-aprendizagem e não podem ser vistas e estudadas como algo separado. Para um pleno desenvolvimento na aprendizagem as instituições de ensino precisam unificar cognição e afetividade. Não deveria haver separações do tipo: razão e emoção. Razão e emoção andam juntas e devem ter a mesma importância. A educação a distância pode ser enriquecida com encontros presenciais e a educação presencial pode ser melhorada com atividades virtuais.

A EAD tende a se transformar, pois o que se vislumbra no campo educacional é uma convergência de paradigmas que unificará a educação presencial e a EAD em formas novas e diversificadas que incluirão um uso intenso das TIC.

Devemos priorizar as práticas pedagógicas que geram melhores resultados. As atividades presenciais podem ser beneficiadas por atividades virtuais. No Brasil os cursos superiores devem converter até 20% de sua carga presencial nas disciplinas para atividades a distância. MEC. Portaria n2. 253, de 18 de outubro de 2001.

Na educação a distância é perfeitamente possível o aluno se sentir bem próximo de seus professores e colegas tanto quanto, no ensino presencial o aluno pode também se sentir distante ou afastado. O importante é uma educação a distância e uma educação presencial na medida certa. Quanto mais diálogo com afetividade entre todos os envolvidos na educação melhor será o decorrer do processo ensino e aprendizagem. A sensação de proximidade emocional percebida pelo aluno é mais relevante para o processo de aprendizagem que a distância geográfica entre aluno e professor.

A presença dos estudantes e professores da educação a distância precisa ser recuperada por meio de um clima de comunicação. Para criar este clima a afetividade é imprescindível. A sensação de estar presente, ser aceito e respeitado independe de estar fisicamente no ambiente. Este é um grande desafio para os profissionais da educação a distância. Como estar presente, a distância?

Os principais achados da pesquisa foram que as atitudes afetivas positivas de professores para com seus alunos é um dos pontos primordiais para seu aprendizado e a permanência no curso. Bem como a ausência de afeto e a falta de incentivo podem ocasionar evasão. É na competência comunicativa do professor/tutor e na qualidade de sua interação que devemos maior atenção. Na

EAD o professor deve valorizar os conhecimentos já existentes do aluno para que eles permaneçam autoconfiantes e tenham um ensino de forma paciente e compreensiva.

A afetividade não é promovida com técnicas e dinâmicas, não é inserida em qualquer contexto, sejam presenciais ou digitais. É necessário um conhecimento dos que participam do processo de aprendizagem compreendendo como ela se relaciona no mundo digital. Gestores e professores formadores precisam discutir sobre o equilíbrio da dimensão cognitiva e afetiva na relação educativa.

Os professores que atuam no ambiente virtual precisam estar cientes de que o comportamento dos alunos é produzido por pessoas reais que têm sentimentos e podem sentir-se excluídos se não receberem o afeto e o acompanhamento necessários para o seu desenvolvimento. Precisamos fazer do afeto uma das ferramentas para o ato de ensinar na EAD.

Ainda existe um descrédito em relação à educação a distância. É pela qualidade e resultados que a EAD vai merecer a confiança do público. Os que trabalharem na EAD deverão concentrar suas energias e aperfeiçoar o sistema.

As tecnologias digitais fazem parte de nosso dia a dia, qualquer que seja a nossa atividade profissional, onde quer que estejamos. Inúmeras pesquisas avançam nesta direção, revelando que essas tecnologias têm potencial para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem na medida em que são adequadamente empregadas. A grande mudança ocorre com a internet e seus recursos que possibilitam a interatividade e a criação das redes de comunicação. Na educação, a internet se tornou um recurso fundamental às escolas e universidades, bem como aos estudantes, professores, pesquisadores e educadores em geral. No mundo, inclusive no Brasil, as instituições de ensino e pesquisa estão conectadas à rede e propiciando o acesso à comunidade acadêmica. A internet é um recurso sem limites que professores e alunos estão aprendendo a usar, enquanto pesquisadores do mundo inteiro estudam novas formas de utilização para torná-la cada vez mais útil à educação. Tem servido como fonte de pesquisa, fornecimento e troca de informações, intercâmbio entre instituições afins, divulgação de projetos e trabalhos acadêmicos, apoio ao ensino em sala de aula, ensino a distância, ou simplesmente para divulgar o nome das escolas que mantêm páginas na rede. As aplicações da internet na educação são inesgotáveis e dependem essencialmente da criatividade

do educador. Esta é uma mudança que deve criar sintonia entre a educação e a sociedade.

A EAD, pelos próprios mecanismos pedagógicos adotados, favorece a formação de cidadãos mais engajados socialmente, conscientes da sua autonomia intelectual e capazes de se posicionar criticamente diante das mais diversas situações quando permite uma aprendizagem autônoma e independente

A EAD deveria ser um instrumento para facilitar e ampliar o acesso à educação. Mesmo com o recente avanço da TIC no Brasil a EAD ainda é para a elite brasileira que já é atendida pelo ensino presencial. Este é um problema de natureza socioeconômica, estrutural e comum aos países em desenvolvimento.

Vejo que a EAD é uma excelente oportunidade para se repensar a educação e substituir algumas metodologias e estratégias que com a revolução da TIC ficaram ultrapassadas. Em minha opinião o que não pode acontecer é o uso, por exemplo, da videoconferência sendo transformado numa atividade passiva reforçando o paradigma de transmissão centralizada e recepção passiva adotado pela educação tradicional e consolidado em nossa cultura, pelo rádio e pela tv, por mais de 50 anos.

A EAD deve ser um sistema dinâmico, rápido e abrangente. É de extrema importância uma equipe apta a desenvolver um programa da EAD. Precisa de pessoas de várias áreas em caráter multidisciplinar.

No futuro, com as novas tecnologias a escola ficará bem diferente. Os alunos estudarão a vida toda. A EAD terá mais importância. Os estudiosos da educação a distância não poderão falhar.

Devemos procurar aplicar na EAD, uma didática que possa permear de afetividade as relações docentes e discentes, de modo a melhorar a qualidade dos relacionamentos e a produtividade. Então tanto o professor quanto o tutor precisam antes de escrever suas mensagens atinar para que sua escrita seja delicada e amável deixando com que o aluno sinta-se a vontade para continuar se comunicando e sanando suas dúvidas.

Assim, através das ideias aqui apresentadas, que reforçam a necessidade da valorização da afetividade na ação pedagógica da educação a distância, buscaremos dar continuidade a esta pesquisa, uma vez que existem poucos estudos a respeito da afetividade na educação a distância, porém de modo

mais profundo, buscando ampliar o campo de pesquisa que aqui se restringiu apenas a um curso.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D. C. (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.
- ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- ALVES, J. R. M. **A Educação à Distância no Brasil**. Local: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, Brasil, 2007.
- ANDRADE, A. S. **A influência da afetividade na aprendizagem**. 2007, 50f. Monografia. (Especialização) - Unievangélica Centro Universitário. Brasília.
- ARAÚJO, V. A. A. Cognição. Afetividade e moralidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n.2, p. 137-153, 2000.
- ARAÚJO, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. (orgs.). **Psicologia**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BARDIN, L. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, C. G. S. **Pontos de psicologia escolar**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, Imagem e som**: um manual prático. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007..
- BÉDARD, R. **Educação a distância**: Ressignificando Práticas. Brasília: Liber Livro, 2005.
- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- BERCHT, M.. **Em direção a agentes pedagógicos com dimensões afetivas**. 2001. 152 f. Tese (Doutorado em Ciencia da Computação) - Instituto de Informática. UFRGS. Porto Alegre, RS.
- BORBA, J. A.; NAZÁRIO, L. **Contabilidade ambiental**. 2003.
- BRASIL. Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o artigo 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 25 jan. 2013.

BRASIL. **Portaria no. 10, 02 de julho de 2009.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/portaria10_seed.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.

CABRAL, A. I. T.; CAVALCANTE, A. F. Linguagem escrita. In: CARLINI, A. L.; TARCIA, R. M. Lino. **20% a distância e agora?** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

CARVALHO, V. G. **A psicopedagogia institucional e sua atuação no mercado de trabalho.** Campinas: Fe/Unicamp, 2008.

CASTRO, M. A. S. **Netiqueta – Guia de Boas Maneiras na Internet.** São Paulo: Novatec, 1997.

CHABOT, D.; CHABOT, M. **Pedagogia emocional: sentir para aprender.** Local??Sá: 2005.

CODO, W.; GAZZOTTII, A. A. **Trabalho e afetividade.** In: CODO, W. (Dir.). **Educação, carinho e trabalho.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 48-59.

CUNHA, A. E.. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção razão e cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

DELORS, Jacques (org.). **Educação – um tesouro a descobrir.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 288 p.

DOMINGO, R.P. Fomento para TIC na Educação. **Revista do NEAD,** São Luís, v. 1, p. 13-16, 2010.

ENDRELE, C. **Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança.** 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais.** São Paulo: Ática, 1978.

FAVA, G. R. L. **Palestrante nas áreas de qualidade de vida, motivação e sucesso.** 1991, p. 47. Disponível em: <<http://www.siscompar.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FLEURY, M. T. L. (coord.). **As pessoas na organização.** São Paulo: Gente, 2002.

- FREIRE, P. **Sobre Educação (diálogos)**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GONZALEZ, M. **Fundamentos da tutoria em Educação a Distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.
- HOLMBERG, B. **Theory and practice of distance education**. 2nd ed. New York: Routledge, 1995.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2004.
- LAKATOS, E M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos da metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- LA TAILLE, Y.. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 14. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. 2000. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2013.
- LUCK, H.; CARNEIRO, D. G. **Desenvolvimento afetivo na escola: promoção, medida e avaliação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- MACHADO, L.; NEVES, M.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Trabalho e educação**. Campinas: Papirus, 1992.
- MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da EaD: a Educação a Distância hoje**. São Paulo: Pearson, 2007.
- MATTAR, J. Interação. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs.). **Educação à distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MEIRELLES, F. S.; MAIA, M. C. As TIC aplicadas na Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil. In: ALBERTIN, A. L. (org.). **Tecnologia de Informação**: São Paulo: Atlas, 2004.
- MINAYO, M. C. de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOORE, M.G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAES, M. C. et al. **Guia geral do curso gestão e docência em EaD** : Programa Aberta-Sul. Florianópolis: UFSC/UFSC, 2007.

MORAN, J.M. Tendência da educação online no Brasil. In: RICARDO, E. J. (org.). **Educação corporativa e Educação a Distância**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/tendencias.htm>>. Acesso em: 20 out. 2012.

_____. A Educação superior a distância no Brasil. In: SOARES, M. S. A.(org.) **A educação superior no Brasil**. Brasília: Capes/Unesco, 2002.

MOURA, A. **Princípios e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS**: uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo. Glória de Goitá, PE: Serviço de Tecnologia Alternativa, 2009.

MUCELIN, C. A. **Estudo ecológico de fragmentos ambientais urbanos**: percepção significativa e pesquisa participante. Maringá, 2006. 413 p. Tese (Doutorado em Ecologia)- Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

NUNES, I. B. A História da EaD no Mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, C.C. **Psicologia da ensinagem**: psicologia dos processos mentais na relação professor/aluno. Brasília: Kelps, 1998.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografia, dissertação e teses. 2. ed., quarta reimpressão. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PERRENOUD, P. et al. (orgs.) **Formando professores profissionais**: quais estratégias? Quais competências? 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. Porto: Rés, 1978.

_____. **Seis estudos de psicologia**. 21. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **Nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **A construção do real na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PRETI, O. et al. **Educação a Distância: Ressignificando Práticas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F.; LOUIS, R.. Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 20, p.31-54, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2012.

RATEY, J. J. **O Cérebro: um guia para o usuário**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

REGO, T. **Vygostsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

RODRIGUEZ, J. J. I.; PLAX, T. G.; KEARNEY, P. Clarifying the relationship between teacher nonverbal immediacy and student cognitive learning: affective learning as the central causal mediator. **Communication Education**, v. 45, n. 4, p. 293-305, 1996.

RODRIGUES, R. M. **Pesquisa Acadêmica**. São Paulo: Atlas, 2010.

ROGERS, C. **Tornar-se Pessoa**. 4.ed. 4. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. (orgs.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHMITT, V.; C. M. S.; MACEDO; V. R.; ULBRICHT, V. R. A divulgação de cursos na modalidade a Distância: uma análise da literatura e do atual cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, Rio de Janeiro, v. 7, 2008.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SOUZA, A. R. B. **Movimento didático na Educação a Distância: análises e prospecções**. 2005. 224f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor e aluno**. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: SENAC 2010.

TORO, R. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás/EPB.

TORRES, P. **Matice**: uma proposta de universidade virtual para a PUC-PR. 2004. Tese (Doutorado) -, PUC-PR, Curitiba. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/04/24/mec-promete-triplicar-matriculas-em-ead-ate-2014-e-alcancar-600-mil-alunos.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UTFPR: **Educação a Distância**. Disponível em: <<http://ead.utfpr.edu.br/moodle/login/index.php>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1968.

_____. **As origens do pensamento da criança**. São Paulo: Manole, 1986.

_____. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

_____. **Psicologia e educação da infância**. Enface: Paris, 1973.

WILL, D. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sócias de sexo na idade média. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

YACCI, M. "Interactivity demystified a structural definition for online learning and intelligent CBT". **Educational Technology**, n. 40, ago., p. 5-16. 2000. Disponível em: <<http://www.it.rit.edu/~may/interactiv8.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

Nome: _____ Data: _____

1. Existe relação afetiva entre você e os seus professores? Como elas são?

2. O que você acha que é uma atitude afetiva do professor da educação à distância?

3. Os seus professores conseguem manifestar afetividade por você no processo ensino-aprendizagem? Como você percebe isso?

4. Depois que você tem a oportunidade de conhecer o professor pessoalmente, a sua visão a respeito desse professor se modifica? Justifique.

5. Quais são as características que você acha que deve ter um professor afetivo que trabalha com adultos? Cite pelo menos duas características.

6. Quais atitudes de afeto dos seus professores que você acha que contribui para a sua aprendizagem?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

A pesquisa que você está sendo convidado a participar tem como objetivo investigar como se manifesta a afetividade nas relações entre docentes e discentes na educação a distância e como ela influencia o ensino e a aprendizagem. A pesquisa está sendo realizada sob a responsabilidade da psicopedagoga Profa. Kátia Cardoso Campos Simonetto discente da Universidade do Oeste Paulista.

Nesta pesquisa você responderá dois testes que verificam bem-estar subjetivo. A associação livre e a entrevista. A aplicação dos testes será feita pela psicopedagoga pesquisadora participante da pesquisa Profa. Kátia Cardoso Campos Simonetto e acontecerá no polo presencial de Foz do Iguaçu. Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo. Em nenhum momento seu nome será vinculado as suas respostas.

Esclarecemos que nada será pago ao participante bem como ele também não pagará nada para participar desta pesquisa. O participante não ficará exposto a nenhum risco ou desconforto. A pesquisa não trará nenhum benefício direto ao participante embora os conhecimentos construídos possam eventualmente, trazer benefícios para professores dos cursos de pós-graduação da educação a distância.

A pesquisadora responsável, Kátia Cardoso Campos Simonetto – RG 13181118-7 – se coloca à disposição para eventuais dúvidas através dos telefones (45) 91354202 ou (45)99697889. O contato direto com o comitê de Ética pode ser feito através do número (18) 32292077, sob a coordenação de Rosa Maria Barille Nogueira. A participação nessa pesquisa é totalmente voluntária e o participante é livre para abandoná-la a qualquer momento sem nenhuma penalidade por isso.

Desde já agradecemos pela compreensão e colaboração.

A partir das informações recebidas, declaro concordar em participar livremente dessa pesquisa, assinando o presente termo.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de 2011.

Nome, Assinatura e RG do Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE C – Carta - convite

Medianeira,... de.....de 2013.

Prezada senhor (a),

Por meio deste convidamos Vossa Senhoria a participar da nossa pesquisa de Mestrado a ser desenvolvida com o seguinte título: **AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SOB O OLHAR DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.**

Objetivamos, com este trabalho, investigar se a afetividade melhora a qualidade das relações entre docentes e discentes na educação à distância, e se essa contribui para a melhora da produtividade dos discentes influenciando no processo de ensino aprendizagem.

Dessa forma buscaremos contribuir para estudos referentes à modalidade de ensino de educação a distância. Com o intuito de preservar a sua identidade, manteremos sigilo quanto aos nomes.

No aguardo da aceitação em participar desta pesquisa, agradecemos desde já a sua contribuição que, com certeza, será relevante para o nosso trabalho.

Atenciosamente,

Kátia Cardoso Campos Simonetto